



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Rejane Rosa do Amaral Monteiro


**Ações culturais na cordelteca da Faculdade de Formação de Professores da
UERJ e sua atuação no apoio ao ensino de História**

São Gonçalo

2021

Rejane Rosa do Amaral Monteiro

Ações culturais na cordelteca da Faculdade de Formação de Professores da UERJ e sua atuação no apoio ao ensino de História



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ensino de História.

Orientadora: Prof^ªDr^ª Sonia Maria de Almeida Ignatiuk Wanderley

São Gonçalo

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

M775 Monteiro, Rejane Rosa do Amaral.
TESE Ações culturais na cordelteca da Faculdade de Formação de Professores da UERJ e sua atuação no apoio ao ensino de História/ Rejane Rosa do Amaral Monteiro. – 2021.
100f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sonia Maria de Almeida Ignatiuk Wanderley.

Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. História – Estudo e ensino - Teses. 2. Literatura de cordel. 3. Cultura popular. I. Wanderley, Sonia Maria de Almeida Ignatiuk. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

CDU 93

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Rejane Rosa do Amaral Monteiro

Ações culturais na cordelteca da Faculdade de Formação de Professores da UERJ e sua atuação no apoio ao ensino de História

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ensino de História

Aprovada em **XX** de **mês** de 2021.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Sonia Maria de Almeida Ignatiuk Wanderley (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof^a. Dra. Helenice Aparecida Bastos Rocha
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof^a. Dr^a. Patricia Souza Lima
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca -
CEFET

São Gonçalo

2021

DEDICATÓRIA

Ao Miguel e à Amanda,
Por quem tudo faz valer à pena.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Senhor de todas as coisas, sempre presente em minha vida de uma forma silenciosa e atenta, pela força necessária à continuidade e conclusão desta etapa em minha vida.

A minha família, pelo apoio desde o ingresso até a conclusão desse curso, em especial à minha tia Inez, que desde o início me ensinou que o estudo transforma a vida das pessoas.

A minha orientadora, Professora Sonia Wanderley, pelo apoio, orientação, paciência e, principalmente, pela compreensão da minha situação frente ao desafio que foi concluir o curso de mestrado.

Às Professoras Doutoras Helenice Rocha e Patrícia Lima que, com suas contribuições, na banca de qualificação, me instigaram a ter novos olhares sobre o tema proposto em meu trabalho.

Ao Professor Rui Aniceto que me incentivou trabalhar com o cordel, iniciando os primeiros diálogos que culminaram neste trabalho.

À Professora Doutora Maria Isaura Rodrigues Pinto, com quem tive o prazer de trabalhar e aprender nos assuntos referentes à docência e oficinas realizadas nas escolas públicas.

A todos os colegas da turma de mestrado em História Social, que com seus conselhos e críticas me motivaram a continuar, em especial aos colegas Carla Lavinias, Farlen Nogueira e Odimar Gomes, parceiros em muitos momentos durante o curso.

À equipe de trabalho da Biblioteca CEHD, pela compreensão e ânimo nos momentos cruciais dessa pesquisa.

Ao programa de História Social e todos professores que em cada discussão me fizeram refletir e repensar minha prática e atuação profissional.

À Rede Sirius, rede de bibliotecas da UERJ, por incentivar os servidores em investirem em capacitação e melhorar seu ambiente de trabalho.

À minha amiga-irmã, Nadya Deps Miguel, minha revisora textual, pela amizade fiel de tantos anos, por me fazer acreditar que nunca é tarde para se conquistar um sonho e por estar sempre, de forma generosa, disposta a me acolher.

A todos os meus amigos, aos que conheci nessa jornada, e que direta ou indiretamente contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui.

Lavemos o coração,
Com água da boa vontade,
Veja que os tempos agora,
Banhados, mesmo em maldade,
São uns tempos bem melhores.
Houvera tempos piores,
Massacrando a humanidade.

Inda que demore um pouco,
Isto é nuvem passageira;
Não é privilégio nosso,
É da humanidade inteira.
Quando isso tudo passar
A gente vai se abraçar
Sem máscara e sem barreira.

RESUMO

MONTEIRO, Rejane Rosa do Amaral. *Ações culturais na cordelteca da Faculdade de Formação de Professores da UERJ e sua atuação no apoio ao ensino de História*. 2021. 100f. Dissertação (Mestrado em História Social) –Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2021.

A Literatura de Cordel consiste numa forma de conhecimento que produz conteúdos importantes para serem inseridos nos mais diversos contextos educacionais. Assim, o objetivo desse trabalho é utilizar-se do cordel, com sua característica lúdica, no ensino da história escolar. Para tanto, utiliza-se do acervo de cordéis da Cordelteca da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. O trabalho se divide nas discussões sobre cordel e suas relações com a cultura popular, a cultura histórica e o ensino de história. O referencial teórico utilizado para estudos sobre a literatura de Cordel foram as pesquisas de Abreu (1999), Haurélio (2015) e Curran (2009); para a discussão do uso do cordel em sala de aula, buscou-se os apontamentos de Marinho e Pinheiro (2012), sobre o ensino de História: Monteiro (2007), para tratar sobre as questões envolvendo cultura popular, Chartier (1995), Santos (1983), entre outros. Nas questões sobre didática e ensino de história foram utilizados os estudos de Rüsen (2010) e Cerri (2011), principalmente no tocante ao ensino de história pautado na prática. O primeiro capítulo aborda o cordel como artefato cultural e didático. No segundo é apresentada a Cordelteca da FFP e uma reflexão sobre as contribuições de um projeto de extensão voltado para essa área no município gonçalense. No terceiro capítulo, tratou-se sobre uma proposta de intervenção, onde a Biblioteca, por meio ações culturais utilizando o acervo de folhetos de cordel, propõe uma atividade pedagógica dialogando com o ensino de história escolar. O cordel, enquanto elemento da cultura popular, reflete em seus textos e sua forma de produção características próprias da população brasileira, em especial as camadas economicamente menos favorecidas do Nordeste, se tornando assim um importante meio de comunicação e expressão do ponto de vista dessas pessoas sobre a realidade em que estão inseridas.

Palavras chave: Literatura de cordel; Cultura popular; Ensino de História; Cordelteca Gonçalo Ferreira da Silva

ABSTRACT

MONTEIRO, Rejane Rosa do Amaral. *Cultural activities in the cordelteca of the Faculty of Teacher Education of UERJ and its role in supporting the teaching of History*. 2021. 100f. Dissertação (Mestrado em História Social) –Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2021.

Cordel Literature is a form of knowledge that produces content important to be inserted in the most diverse educational contexts. Thus, the objective of this work is to use the cordel, with its characteristics, in the teaching of school history. Therefore, it uses the cordel collection from the Cordelteca of the Faculty of Teacher Education of UERJ. The work is divided into discussions about cordel and its relations with popular culture, historical culture and the teaching of history. The theoretical framework used for studies on Cordel literature were the research by Abreu (1999), Haurélio (2015) and Curran (2009); for the discussion of the use of cord in the classroom, the notes of Marinho and Pinheiro (2012) on the teaching of History were sought: Monteiro (2007), to deal with issues involving popular culture, Chartier (1995), Santos (1983), among others. In the questions about didactics and history teaching, the studies of Rösen (2010) and Cerri (2011) were used, mainly with regard to the teaching of history based on practice. The first chapter deals with the cordel as a cultural and didactic artifact. In the second, the Cordelteca of the FFP is presented and a reflection on the contributions of an extension project aimed at this area in the municipality of Gonçal. In the third chapter, it was about an intervention proposal, where the Library, through cultural actions using the collection of cordel leaflets, proposes a pedagogical intervention in dialogue with the teaching of school history. The cordel, as an element of popular culture, reflects in its texts and its form of production characteristics typical of the Brazilian population, especially the economically less favored strata of the Northeast, thus becoming an important means of communication and expression from the point of view of these people. about the reality in which they are inserted.

Keywords: Cordel Literature; Popular culture; History teaching; Cordelteca Gonçalo

Ferreira da Silva

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE ILUSTRAÇÕES		
Figura 1 –	Foto da Biblioteca na FFP.....	46
Figura 2 –	Gonçalo Ferreira da Silva – Patrono da Cordelteca.....	48
Figura 3 –	Cordelteca Gonçalo Ferreira da Silva.....	50
Figura 4 –	Temática dos folhetos da Cordelteca.....	51
Figura 5 –	Oficina de cordel realizada no Colégio Estadual Meoquíades Picanço.....	56
Figura 6 –	Oficina de cordel realizada no Colégio Estadual Capitão Oswaldo Ornelas.....	56
Figura 7 –	Obras da coleção Ciência em versos de cordel	58
Figura 8 -	Visita do poeta Zé Salvador à Cordelteca	61
Quadro 1 -	Estudo da História por meio da Literatura de cordel	65
Figura 9 -	Plano de ação Getúlio Vargas em cordel	68
Figura 10 -	Folheto utilizado na pesquisa	70
Quadro 2 -	Análise do folheto	75

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABLC	Academia Brasileira de Literatura de Cordel
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
FFP	Faculdade de Formação de Professores
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	A LITERATURA DE CORDEL	16
1.1	Cordel e cultura popular	20
1.2	Cordel e cultura histórica	27
1.3	A memória coletiva na poesia cordelística	34
1.4	O folheto de cordel e o ensino de História	36
2	A CORDELTECA GONÇALO FERREIRA DA SILVA	46
2.1	O projeto de extensão Leitura na cordelteca da FFP e seu espaço de atuação	51
2.2	Cordelistas locais na produção e divulgação da Literatura de Cordel: vida e obra de Zé Salvador	59
3	CIRCUITO NOSSA HISTÓRIA EM CORDEL	63
3.1	O evento na prática	69
3.2	O folheto Getúlio Vargas: eterno no coração do povo brasileiro	70
3.3	Cordel e conhecimento histórico escolar	77
3.4	O Circuito cultural como oficina didática	81
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
	REFERÊNCIAS	84
	ANEXO A –.....	89
	ANEXO B -	91

INTRODUÇÃO

A Cordelteca Gonçalo Ferreira da Silva, da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ), mantém sob sua guarda um patrimônio cultural, acervo que reúne folhetos de cordéis produzidos por diversos cordelistas, onde é possível encontrar narrativas que contam de uma forma poética acontecimentos que despertaram a atenção da sociedade e marcaram a nossa história. Desde a sua criação em 2007 e, por meio do projeto de extensão *Leitura na Cordelteca da FFP*, esse acervo vem sendo divulgado e trabalhado nas escolas públicas localizadas na região metropolitana do Rio de Janeiro, principalmente, no município de São Gonçalo.

Explicar o que motivou a presente pesquisa requer falar sobre parte de minha trajetória acadêmica e profissional. Na graduação, fiz o curso de Biblioteconomia e Documentação na Universidade Federal Fluminense. Em 2003 foi aprovada em um concurso público para atuar como bibliotecária na UERJ. Atualmente, respondo por uma biblioteca setorial no município de São Gonçalo. No meu fazer biblioteconômico, ao lidar com os diversos tipos de suportes da informação, comecei a realizar o preparo técnico de folhetos de cordel. Ao trabalhar com esse acervo e participar como colaboradora do projeto de extensão voltado para esse tema, pude observar que, após as oficinas que eram realizadas em escolas públicas do entorno, os alunos procuravam a biblioteca para pesquisar os folhetos de cordel com temáticas variadas. Em algumas dessas pesquisas observei a procura de personagens históricos como Tiradentes e Getúlio Vargas. Surgiram para mim os seguintes questionamentos: Por que será que os professores estão pedindo que os alunos venham à biblioteca para pesquisar folhetos de cordel de personagens históricos? Que tipo de narrativas trazem esses folhetos? Em qual contexto foram escritos? Como as narrativas dos folhetos de cordel podem dar sentido ao ensino de história nas escolas?

Tais questionamentos recaem, sobretudo, no que se refere à como o acervo da cordelteca, que carrega uma linguagem simples em seus folhetos, pode fazer uma aproximação com a vida prática, facilitar a produção de sentido para o que está sendo lido e produzir formas de aprendizados, inclusive históricos. Pretende-se analisar, se esses aprendizados são condizentes com o conteúdo e objetivos da História escolar e como podem ser utilizados pelos professores da Educação básica como apoio ao que está sendo estudado em sala de aula.

O objeto da pesquisa escolhido para reflexão, o acervo da Cordelteca Gonçalo Ferreira da Silva, é o foco para o desenvolvimento dos estudos realizados. No acervo de cordéis, buscou-se perceber as narrativas que ele abarca em prol da preservação da memória e divulgação da cultura popular brasileira, principalmente, no que se refere às tradições nordestinas.

No entender do historiador francês Pierre Nora (1993, p.9), a acentuada fragmentação da vida coletiva e a crescente valorização do indivíduo geraram a desagregação dos laços de continuidade, surgindo, em contrapartida, a necessidade de criação de lugares para a preservação das memórias coletivas que antes eram fabricadas pelas próprias comunidades. Os grupos sociais que asseguravam a preservação e a transmissão desses valores pela oralidade passam a se valer do recurso da escrita para registrar seus saberes e fazeres. Assim, não havendo mais lugares de memória espontâneos, vê-se a formação de arquivos e coleções como guardiões da memória e a sua utilização para evocar a faculdade de alimentar a história. Desse modo, a visualização ou a leitura da narrativa representada pelo conjunto dos documentos textuais de uma coleção permite recuperar algumas preciosas informações e evocar a memória social.

Como em outros conjuntos de coleções de documentos, o acervo, representa fonte real para o conhecimento da própria sociedade, bem como concentra, no seu conjunto, a produção de uma memória social viva. Portanto, trata-se de apreender o presente com esse passado, buscando desvendar suas múltiplas simbolizações.

Saliento que minha atuação como bibliotecária foi um ponto importantíssimo na escolha do tema, pois ao trabalhar com o cordel nas visitas guiadas que ocorrem na biblioteca e nas escolas públicas atendidas pelo projeto, pude visualizá-lo enquanto uma ferramenta útil na interação com os usuários e com os alunos que participaram das oficinas ministradas nas escolas.

O uso do folheto de cordel como recurso de apoio ao ensino, apresenta algumas vantagens, dentre elas, a utilização de uma linguagem acessível e compreensível por leitores e/ou ouvintes de diferentes camadas sociais. Cheia de ritmo e sonoridade, facilita a transmissão e assimilação de seu conteúdo pelos alunos. Apresenta também uma estrutura com estrofes que facilitam a leitura e a memorização. Com uma linguagem pético-visual e, com a diversidade de assuntos ligados à temáticas históricas, sociais e culturais, os folhetos atraem olhares e podem ser vistos como uma boa estratégia de aprendizagem. Nesse sentido, observou-se que as temáticas podem ser abordadas a partir das singularidades e semelhanças à realidade vivenciada pelo aluno, promovendo sentidos em seus discursos, memórias e

narrativas no processo de construção dos saberes históricos no ambiente escolar. Além disso, na medida que esse artefato cultural demonstra a importância dos saberes produzidos por segmentos sociais por tanto tempo excluídos da chamada história oficial, oportuniza voz a essa população que deseja expressar seus anseios.

Na tentativa de compreensão da própria cultura do cordel, como meio estético que envolve a literatura como representação da cultura e de eventos marcantes no decorrer do tempo, buscou-se discorrer sobre as origens, trajetórias e desdobramentos desse patrimônio cultural imaterial brasileiro, que, apesar de possuir uma riqueza imensa, tanto poética, como documental, é muito pouco utilizado na sala de aula.

Nas palavras de Silva e Souza (2006, p. 216) cultura é o “registro de um povo” e representa sua maneira de pensar e agir diante do mundo, ou seja, ao passo que o indivíduo se vê percebe também a sociedade em que vive. Assim como a própria cultura, o cordel é dinâmico e passeia com desenvoltura por diferentes temas e áreas do conhecimento.

Pesquisar o cordel como um gênero literário útil no processo de aprendizagem perpassa por compreender que utilizar a cultura popular como fonte de estudo para as aulas não se objetiva em tornar “uma ou outra história” mais importante, mas contemplar as diversas realidades que constituem a formação da história de um povo.

A pesquisa que ora apresento, tem como objetivo principal, relacionar a narrativa histórica do cordel ao ensino de história escolar, compreendendo o folheto de cordel com um artefato cultural que carrega em si, memórias da sociedade que o produziu.

O primeiro capítulo aborda o cordel como um artefato cultural e didático. É apresentado seu conceito, seu histórico e suas relações com a cultura popular e a cultura histórica. Buscou-se também discorrer sobre o ensino de História e refletir como o cordel, entendido como um artefato cultural didático, pode auxiliar o professor a atingir os objetivos propostos pelo campo.

No segundo capítulo é apresentada a Cordelteca da FFP. Foi feita uma abogagem sobre as atividades realizadas em seu espaço e uma reflexão sobre as contribuições que um projeto de extensão pode trazer à um município carente de políticas públicas e iniciativas voltadas para o desenvolvimento de educação e cultura.

No terceiro capítulo, tratou-se sobre uma proposta de intervenção, onde a Biblioteca, por meio de ações culturais utilizando o acervo de folhetos de cordel, propõe uma intervenção pedagógica dialogando com o ensino de história escolar. O evento *Circuito Cultural Nossa História em Cordel* pretende trabalhar os folhetos com temas históricos no ambiente da Cordelteca. Nesse contexto, será analisado um folheto que aborda a Era Vargas, período de

grandes transformações políticas e sociais em nosso país. Essa foi a época em que a produção cordelística alcançou o seu apogeu.

Assim é que a investigação encontra apoio em autores que se debruçam sobre os assuntos aqui tratados. Para estudos sobre a literatura de Cordel foram analisadas as pesquisas de Abreu (1999), Haurélio (2015) e Curran (2009); para a discussão do uso do cordel em sala de aula, buscou-se os apontamentos de Marinho e Pinheiro (2012), sobre o ensino de História: Monteiro (2007), para tratar sobre as questões envolvendo cultura popular, Chartier (1995), além de Darnton (1988) e Santos (1983), entre outros. Nas questões sobre didática e ensino de história foram utilizados os estudos de Rüsen (2010) e Cerri (2011), principalmente no tocante ao ensino de história pautado na prática. Buscou-se obter uma aproximação entre eles sem perder de vista o interesse da pesquisa e extraindo, de cada um, contribuições teóricas necessárias para responder às questões propostas.

Trabalhar esses aspectos na sala de aula, como relata Davies (2014), não se trata de um processo de heroização da cultura das classes populares, muito menos demonização da cultura compreendida como da elite, mas despertar no aluno a percepção da sua participação enquanto sujeito histórico, da importância da sua visão crítica frente à realidade que lhe é reproduzida e àquela a qual ele faz parte.

O aluno que entender a participação popular no passado, com todas as suas características e contradições, estará mais apto a atuar criticamente, sem idealização ingênua (heroização) nem autodepreciação (a história do ponto de vista conservador) da transformação social (DAVIES, 2014, p. 125).

O cordel expressa a realidade, não só daqueles que a produzem, mas também do público leitor. Na verdade, um dos fatores que mais enriquecem a literatura de cordel é a reprodução que diversas vezes se faz de elementos regionais, sejam no contexto político ou de ênfase das características culturais do Nordeste. Há uma capacidade de aproximar as pessoas do tema tratado, contribuindo para uma maior interação entre o leitor e o texto, onde aquele que lê, ao mesmo tempo em que percorre entre aquelas palavras rimadas consegue, por exemplo, e entre outros temas, enxergar-se em meio às cenas de seca no sertão, do descaso dos políticos com os problemas da população, do esquecimento de muitas pessoas da riqueza cultural nordestina. Almeja-se então, no decorrer desse estudo, demonstrar a importância do cordel enquanto gênero literário e as possibilidades de trabalhá-lo no processo de construção dos saberes históricos escolares.

Como integrante da equipe dessa Biblioteca setorial da UERJ, percebo que as experiências que venho acumulando no desempenho das minhas atribuições contribuem para direcionar o meu olhar sobre a coleção de folhetos da cordelteca, de forma a compreender sua importância no resgate da memória coletiva em épocas distintas.

Portanto, nessa pesquisa, a coleção de folhetos deve ser analisada não apenas como fonte de informação. Ela é, na verdade, mais que isso: é uma categoria de narração, assumindo simultaneamente os papéis de conjunto de documentos e de relato, uma vez que sua análise permite conhecer a narrativa de acontecimentos que fazem parte da nossa história. Um conjunto constituído por vários tipos de temas representativos da memória nacional, regional e social.

Espera-se que a leitura dessa dissertação possa contribuir com o ensino da história escolar, dando apoio ao professor, despertando nele e em outros pesquisadores o interesse em mergulhar nesse tipo de poesia impressa tão significativa para a nossa cultura, assim como chamar a atenção para a preservação desses documentos que carregam em suas narrativas registros da memória social, política e cultural do nosso país.

1. A LITERATURA DE CORDEL

A literatura de cordel é uma designação dada aos folhetos de cordel pelos intelectuais brasileiros por volta de 1960/70, adotando a denominação utilizada em Portugal para a poesia similar ao cordel. Mas essa literatura, anteriormente produzida, era conhecida como livrinhos de feira ou livretos, ou a mais popular pelos cordelistas, como folhetos. Cordel também vem da palavra “cordão”, pois os folhetos ficavam pendurados em cordões ou barbantes para serem vendidos. A história do cordel está ligada à tradição medieval, em que a arte de contar histórias em uma comunidade sempre se fez presente. Um narrador, anônimo, contava suas experiências e, por meio dessa ação, transmitia ensinamentos, provérbios, conselhos e normas de vida. Em nosso país, a Literatura de cordel é sinônimo de poesia popular em verso. As histórias de amores, sofrimentos, crimes, batalhas, fatos políticos e sociais fazem parte desse universo literário. De acordo com Haurélio (2015), essa literatura é herdeira do romanceiro tradicional, tem suas raízes na oralidade, em especial, nos contos populares. Depois de algum tempo, passou a ser concebida de forma escrita ou impressa em folhetos, por meio de versos rimados. Para esse autor, ela é o espelho social do seu tempo. Considerada um dos elementos de maior comunicabilidade nos meios populares, principalmente na região nordeste, ela contempla a necessidade que todo ser humano tem de conhecer suas origens e os costumes da sociedade onde vive e de sua região. “O cordel é uma literatura que retrata fatos históricos e situações atuais das quais a comunidade tem conhecimento, tratando as questões sociais com uma linguagem popular” (SILVA; SOUZA, 2006, p. 217).

Através dos cordéis os saberes e a cultura são difundidos com mais facilidade. Os folhetos possuem uma leitura prazerosa. O ritmo das frases e a semelhança das partes finais ou iniciais cumprem seu propósito de facilitar a memorização. Sua produção é muito criativa e sua abrangência alcança todas as classes sociais. Por meio da via poética, percebemos uma outra maneira do cordelista demonstrar, por exemplo, os acontecimentos vividos por ele. Segundo Gaudêncio e Borba, “Entende-se por literatura de cordel, como sendo uma manifestação artístico-cultural da cultura popular que registra a história e a trajetória de um povo, assim como, caracteriza-se por uma ação poética que dá vida à sociedade”. (GAUDÊNCIO; BORBA, 2010, p. 2). Rima, musicalidade, humor, liberdade de pensamento e

de expressão, essas são algumas das particularidades dos folhetos de cordel. Eles se configuram como instrumentos importantes de representação, tanto da realidade cotidiana dos brasileiros quanto do imaginário popular.

Esse tipo de literatura tem sua origem na Península Ibérica, chegando ao Brasil por intermédio de nossos colonizadores.

A Literatura de Cordel, ou o seu substrato, chegou ao Brasil – ou à terra que depois seria assim denominada – a bordo das primeiras caravelas. É próprio do homem, em seu constante deslocamento geográfico, levar consigo, além dos conhecimentos que lhe garantam a sobrevivência, a sua cultura. (HAURELIO, 2015, p.13)

Após sua chegada ao Brasil, estabeleceu-se na Bahia e, em seguida, foi disseminada pelos estados nordestinos. No início, essa literatura estava ligada à divulgação de histórias tradicionais e narrativas orais presentes na memória popular. Em nosso país, esse gênero literário foi tendo um estilo próprio com traços característicos da população que aqui vivia. Assim, de acordo com Pinto (2009),

o modo de produção e circulação da literatura de cordel brasileira não está organizado a partir de cima, como acontece com a da França e de Portugal, e, portanto, deixa muito mais margem à criatividade popular, ganhando em função disso uma feição estético-política acentuada. (PINTO, 2009, p. 124)

O cordel da atualidade cumpre um papel social envolvido com questões sociopolíticas atuais. Os folhetos trazem o comentário de fatos ocorridos no Brasil e no mundo, narrativas sobre problemas contemporâneos, geralmente acrescidos de algum juízo de valor. Ele compõe o complexo repertório social e cultural brasileiro. É possível concebê-lo como um discurso da realidade, como uma prática cultural que pode contribuir para a elaboração de uma série de representações de um período histórico.

Nesse sentido, os poetas de cordel produzem em meio as suas práticas, versos rimados que tratam de uma realidade e de um cotidiano, que representam vidas, alegrias, sofrimentos, amor, ódio, fé, cidadania, política e história. Entende-se que disseminam os costumes de geração para geração. “As festas, os rituais, os cânticos, as narrativas míticas que se repetem dia após dia desempenham esta função de fazer lembrar para o grupo suas tradições mais importantes” (ABREU, 2007, p. 54).

Conforme enfatiza Mark Curran (2009), há mais de cem anos os cordelistas escrevem histórias no Brasil. Porém, os poetas não têm preocupação, em sua maioria, com um método

historiográfico de pesquisa¹, nem com as hipóteses que justifiquem seus procedimentos. O discurso que emerge do folheto tem a pretensão de validade histórica na medida em que os acontecimentos ganham significado na sua descrição, na narrativa das ações de personagens de notoriedade na história, na análise da conjuntura política e econômica e no relato pormenorizado do cotidiano, produzindo sentido para o estar no tempo e fortalecendo sentido identitário.

Essas histórias nos possibilitam saber a perspectiva de quem não estava no centro do poder político, de quem não figurava entre as elites de intelectuais da literatura nacional, de quem fora testemunha ocular da violência nos grandes centros urbanos ou no campo, dos desmandos dos poderosos contra os desvalidos.

De tradição oral, difundida pela Europa por poemas de improvisos recitados por menestréis e trovadores na Idade Média, a literatura de cordel ganhou grande impulso a partir da criação da imprensa no século XVI, e dessa forma possui uma dupla natureza: falada e escrita. Na França, por exemplo, eles receberam a denominação de *littérature de colportage*. Assim chamada porque o vendedor a carregava num tabuleiro que trazia pendurado ao pescoço. De acordo com Hallevel (2012), esse tipo de obra vendia nove milhões de exemplares por ano. Esse número é conhecido graças à tentativa de Napoleão III de lhes impor uma censura, pois os folhetos criticavam seu governo.

Outro núcleo europeu relevante foi a Espanha, onde o cordel ficou conhecido como *pliegos sueltos* e teve seu período áureo no século XVIII. Os folhetos eram impressos em folha de papel de baixíssima qualidade e cada folha era dobrada duas vezes, assim os folhetos espanhóis eram comercializados em forma de pequenas brochuras. Já em Portugal, além das mesmas características peculiares de França e de Espanha no sentido de serem edições produzidas a baixo custo, os folhetos de cordéis eram chamados de *folhas volantes*, porém recebiam também outras denominações, como: literatura de cegos² e literatura de cordel.

O cordel expressa a realidade, não só daqueles que a produzem, mas também do público leitor. Na verdade, um dos fatores que mais enriquecem a literatura de cordel é a reprodução que diversas vezes se faz de elementos regionais, sejam no contexto político ou de ênfase das características culturais de determinada região. Vejamos, por exemplo, um trecho do folheto de cordel Festas Folclóricas do Brasil:

¹ Entende-se aqui que os cordéis trazem uma narrativa histórica porque seus versos orientam no tempo e produzem identidade, porém não são necessariamente historiográficos, pois tais narrativas não tem a preocupação com a metódica racional científica da História ciência.

² Em 1789, o rei de Portugal Dom João V promulgou uma lei permitindo que a Irmandade do Menino Jesus dos Homens Cegos de Lisboa pudessem também negociar com os folhetos, assim esse tipo de literatura foi bastante divulgada e comercializada por cegos.

São as Festas do Divino
Habitualmente feitas
No interior paulista
Agradecendo as colheitas
Com pessoas para aquelas
Festividades perfeitas

Conforme a localidade
Aparecem as touradas
O Moçambique e também
Normalmente a cavahada
E outros divertimentos
Que deixam a festa animada.

A pomba que é o símbolo
Do Divino espírito Santo
E uma bandeira vermelha
Percorrem canto por canto
Do local pedindo esmolas
E cada um dá um tanto. (SILVA, 2011, p.5)

Nesse folheto, há uma capacidade de aproximar as pessoas do tema tratado, contribuindo para uma maior interação entre o leitor e o texto, onde aquele que lê, ao mesmo tempo em que percorre entre aquelas palavras rimadas consegue, por exemplo, e entre outros temas, enxergar-se em meio à essa festa muito tradicional em várias partes do Brasil. E assim os temas vão surgindo, são festas folclóricas, cenas de seca no sertão, descaso dos políticos com os problemas da população, do esquecimento de muitas pessoas da riqueza cultural nordestina.

Galvão (2001) registra que o primeiro folheto impresso localizado é de Leandro Gomes de Barros – considerado o maior nome dessa literatura e data de 1893. Contudo, o apogeu da literatura de cordel se deu somente nas décadas de 1930, 1940 e 1950, em que montaram-se redes de produção e distribuição dos folhetos, centenas de títulos foram publicados, um público foi constituído, consolidando-se o formato em que é impresso.

Nesse período tradicional, o cordel circulava, principalmente, pela população do interior do Nordeste e cumpria papel de informação e lazer coletivo, de socialização. Quanto a sua importância como divulgador de notícias, o cordel era considerado o ‘jornal do Sertão’. Era por meio dele que as notícias chegavam ao interior do Nordeste. Nesse sentido, pode-se dizer que o cordel foi uma mídia importante na região.

O cordel contemporâneo cumpre um papel social engajado com questões sociopolíticas atuais, o que se dá de duas maneiras principais: o comentário de fatos ocorridos

no Brasil e no mundo ou, mais raramente, a narrativa sobre problemas contemporâneos, acrescentando-se sempre juízos de valor.

O cordelista é geralmente um cronista de tempos passados e presente. Passeia pelos dias do descobrimento, vai até Canudos, descreve o movimento do Cangaço, vê perplexo as mazelas da seca que tanto castiga o nordeste, acompanha o movimento que reverencia o Padre Cícero, presencia as grandes manifestações nas ruas. O cordelista acompanha as calamidades públicas, fatos de grande comoção popular e acaba compondo um extenso material de interesse histórico.

1.1 Cordel e cultura popular

A palavra cultura se apresenta em diferentes significados, por isso José Luiz dos Santos no seu livro “O que é cultura”, publicado em 1983, traz discussões sobre cultura e diversidade entre outros aspectos relacionados com a nossa sociedade. Para esse autor, existem duas concepções básicas de cultura, a primeira delas diz respeito aos aspectos de certa realidade social, ou seja, cultura é a característica da existência social de um povo ou grupo e também de suas maneiras de conceber e organizar a vida social ou a seus aspectos materiais. O mesmo estudioso nos acrescenta:

Embora essa concepção de cultura possa ser usada de modo genérico, ela é mais usual quando se fala de povos e de realidades sociais bem diferentes das nossas, com os quais partilhamos de poucas características em comum [...]. Vamos à segunda. Neste caso quando falamos de cultura estamos nos referindo mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças, assim como as maneiras como eles existem na vida social (SANTOS, 1983, p. 24).

A citação acima retrata como a cultura tem sido discutida. Por um lado, se refere ao modo de viver de um determinado grupo, e por outro refere-se à questão do conhecimento. Isso nos leva a compreender a variedade de significados que o termo traz.

“Entende-se aqui por cultura os sistemas de significados, os valores, crenças, práticas e costumes; ética, estética, conhecimentos e técnicas, modos de viver e visões de mundo que

orientam e dão sentido às existências individuais em coletividades humanas” (VIANNA, 2008, p.119).

Para Gullar (2002, p. 21) “a cultura tanto pode ser instrumento de conservação como de transformação social”.

A partir do que foi pesquisado, podemos perceber que o conceito de cultura estaria relacionado ao modo de representação de uma comunidade e aos costumes passados de geração para geração, através da pluralidade de saberes e suas manifestações populares.

Como se vê, as apreciações sobre cultura são variadas. Mas o que vem a ser cultura popular? Chartier (1990) reconhece que tais debates são difíceis, mas em todo o caso aponta que não é simples identificar um nível cultural ou intelectual, que seria o do popular, a partir de um conjunto de objetos ou de práticas. Por outro lado, todas as formas culturais nas quais os historiadores reconhecem a cultura do povo surgem sempre, hoje em dia, como conjuntos mistos que reúnem, numa medida difícil de desembaraçar, elementos de origens bastante diversas. Saber se pode ser chamado de popular ao que é criado pelo povo ou àquilo que lhe é destinado é, pois, um falso problema. Importa identificar a maneira como, nas práticas, nas representações ou nas produções se cruzam e se imbricam diferentes formas culturais.

No artigo *Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico*, Roger Chartier (1995) faz suas próprias teorizações acerca do tema cultura popular. O autor inicia suas análises de um modo um tanto inquietante, quando já na primeira frase afirma que a cultura popular é uma categorização erudita. Ao mesmo tempo em que a afirmação é óbvia, ela explicita o que muitas vezes se encontra em estado latente, como possibilidade, mas não devidamente claro. Para além de enunciar as divisões sociais, ela também explicita o poder de determinados agentes ou grupos, de nomear e definir outros grupos. Chartier lembra que os realizadores das práticas nomeadas como populares não costumam se definir como tal, pode-se acrescentar ainda que isso só ocorra de maneira reflexa, como resultado da incorporação, por parte dos setores subalternos, de valores e conceitos oriundos dos setores hegemônicos da sociedade. Segundo Chartier, não podemos considerar o leque das práticas culturais como um sistema neutro de diferenças, como um conjunto de práticas diversas, porém equivalentes. Adotar tal perspectiva significaria esquecer que tanto os bens simbólicos como as práticas culturais continuam sendo objetos de lutas sociais onde estão em jogo sua classificação, sua hierarquização, sua consagração (ou, ao contrário, sua desqualificação). Além disso, o autor está convicto de que é inútil querer identificar a cultura popular através da distribuição supostamente específica de certos objetos ou modelos culturais entre setores da sociedade. Para ele, o que importa é a forma de apropriação da cultura por indivíduos ou grupos. Chartier

defende que o popular não está contido em conjuntos de elementos sociais que bastaria identificar, repertoriar e descrever. O popular qualificaria, em verdade, um tipo de relação e um modo de usar os objetos ou normas que circulam na sociedade. Desse modo, falar das formas de apropriação significaria tratar das formas de recepção, de compreensão e de manipulação.

Desde sempre, elementos da cultura popular derivaram, muito freqüentemente, da cultura erudita, possuindo origens religiosas, traduzindo crenças, sendo extraídos de narrativas letradas que encontraram eco profundo e secular na literatura oral. Ainda conforme Souza (2005, p. 112), não seria o caso de falarem degradação desses elementos; mais apropriado seria pensar tal processo em termos de apropriação e re-significação a partir de outros contextos, outros intérpretes e leitores, outros objetivos.

No Brasil encontramos exemplos de migrações e fusões entre elementos da cultura letrada, narrativas históricas e procedimentos típicos da cultura popular como, por exemplo, a história de *Carlos Magno e os Doze Pares de França* que, narrada inicialmente no original francês de 1485, tornou-se popularíssima no sertão nordestino, sendo cantada por violeiros e entrando nas crenças milenaristas que estiveram na origem de mais de um movimento camponês. Também a história da *Donzela Teodora* seguiu trajetória semelhante. De origem árabe, foi introduzida na Espanha e chegou ao Brasil através de tradução portuguesa; um percurso secular que terminou nas feiras das cidades do interior. Novos contextos, viagens tão semelhantes.

Nesse sentido, a literatura de cordel possui características tradicionais e folclóricas, mas ultrapassa a ideia de arcaica, sendo qualificada como uma das mais ricas manifestações culturais do país. Ela envolve em sua criação, uma arte de fazer, escrever, publicar, ler e narrar.

Ao abordar o folheto de cordel como uma prática cultural, por exemplo, podemos perceber que o ato de um poeta não-letrado, criar seus versos ir até uma feira ou praça pública e declamar para o povo, reforça uma série de representações dentro de seu contexto. Ao falar sobre cangaceiros, religiosos, figuras públicas ou mesmo romances, ele manifesta determinadas representações que moldam padrões de caráter social, viabilizando um determinado repertório linguístico e comunicativo vital para a vida coletiva. As práticas e representações são sempre resultado de determinadas motivações e necessidades sociais.

Como Darnton (1988) afirma, as culturas formulam maneiras de pensar, fato que não é diferente na literatura de cordel, pois esta também contribui para a formação ou afirmação do pensamento dos seus leitores e da sociedade na qual está inserida.

Ao analisarmos, por exemplo, o cordel escrito por Gonçalo Ferreira da Silva, *Lampião: o capitão do Cangaço*, nos deparamos com a biografia de um dos maiores ícones que faz parte da cultura popular e da história do nordeste brasileiro.

Este poema que fala
de cangaço e de sertão
é, apenas, à cultura
uma contribuição,
um documentário vivo
da vida do Lampião.

Por ser uma obra feita
À luz da verdade viva,
Mostra a face nobre, humana
E até caricativa
De Lampião, se tornando
A menos repetitiva [...]

No limiar desse século
Houve o recrudescimento
Do cangaço no nordeste
Com o aparecimento
De lampião, entre todos
Talvez o mais violento.

Liderando muitas vezes
Mais de cem homens armados
Ao chefe servis, ordeiros
Por volantes odiados,
Por fazendeiros temidos
Por humildes respeitados [...]

Os coronéis mais valentes,
Os políticos mais ousados,
O juiz mais arrogante,
Os mais cruéis delegados
Na frente de Lampião
Ficavam paralizados [sic]

Não viajava aos domingos,
Parava pra descansar,
No meio da mata agreste
Improviseava um altar
Em torno do qual mandava
O grupo contrito orar.

Com moedas de tostões,
De dois tostões e cruzados
Lampião fazia o bem
A muitos necessitados
Principalmente aos mendigos,
Aos cegos e aos aleijados. (SILVA, 1983, p. 3-32)

A partir de folhetos como esse, percebemos a representação dos cangaceiros no cordel como símbolos regionais. A personalidade controversa dos cangaceiros, sobretudo a de Lampião, também é apresentada por Ana Cláudia Marques. Atribuindo a sua figura sentimentos antagônicos por parte daqueles que o conheciam, de um lado aqueles que admiravam sua bravura como líder do cangaço, e por outro lado aqueles que repudiavam suas ações de barbaridade como temido vingador, Marques argumenta:

Em Lampião reúnem-se predicados que justificam um estranhamento e ao mesmo tempo permitem o reconhecimento de sua condição: ele é um outro, mas não um outro qualquer, e sim um outro dominante. Essa condição só parece concebível na medida em que resulta de uma meticulosa combinação de elementos semelhantes e diferentes, de modo a serem favoravelmente assimilados, por um lado, e de elementos positivos que compensem aqueles tidos como negativos, por outro. (MARQUES, 1998, p. 177)

Nesse sentido, encontramos aspectos que norteiam esses símbolos regionais como indivíduos ambíguos, isto é, como heróis errantes. Dando ênfase à esse perfil contraditório dos cangaceiros na literatura de cordel, Sylvia Nemer reforça:

Anjo e Diabo, bom e cruel, vítima do destino e assassino por prazer, o cangaceiro é objeto de múltiplas representações. Imortalizado pela voz popular, tornou-se personagem de uma narrativa continuamente retomada: sua história não cessa de ser escrita, sua imagem de ser reelaborada. (NEMER, 2005, p. 11-12)

É no seio dessa parcial heroização deste personagem da História do Brasil que os cordéis se revelam como um dos principais meios responsáveis pela divulgação do cangaço e dos seus protagonistas. Com efeito, tratando esses personagens como símbolos regionais, Durval Muniz de Albuquerque faz a seguinte avaliação:

Se, nas décadas de trinta e quarentena, as obras têm mais um tom de denúncia, uma preocupação proselitista, nas décadas seguintes, a cultura passa a ser vista como forma de intervenção direta na realidade, como militância junto ao povo. O Movimento de Cultura Popular, por exemplo, passa a usar imagens como a do cangaceiro, do vaqueiro, do coronel, do jagunço, para, ao mesmo tempo, tornar estes personagens símbolos de forças sociais em atuação na sociedade e reforçar a identificação dos alunos com “seus heróis”, com os mitos formadores de sua região. (ALBUQUERQUE, 2011, p. 222)

Assim, inserir o cordel no ambiente escolar, significa propor a inserção de elementos que valorizem a diversidade cultural e suas diferentes formas de expressão. Claro que ao buscar métodos e processos que destaquem os elementos da cultura popular não se objetiva

privilegiar uma cultura em detrimento de outra, mas proporcionar um espaço importante de construção do conhecimento como a sala de aula para importantes debates sobre uma vertente cultural que está mais próxima da realidade dos alunos. Não necessariamente a cultura popular é resultado somente dos esforços das camadas menos favorecidas economicamente, porém a sua difusão entre essas classes se mostra mais compatível e eficiente ao discutir elementos que permeiam esses contextos. Esse tipo de produção possibilita dar voz a uma parcela da população que deseja ouvir seus anseios e ver suas opiniões equalizadas através de meios que os oportunizam cobrar setores da sociedade que se mantêm distantes, ou pelo menos demonstrar sua insatisfação ao que se tem imposto através dos meios mais tradicionais da produção cultural.

Dentro das interpretações sobre cultura, identificamos o cordel como popular por suas ligações com os costumes do povo, a realidade das pessoas comuns, algumas características que são singulares às pessoas que não são representadas nos livros, nas mídias ou nos grandes centros de circulação de informação. Conforme nos mostra Meneses (1977),

essa louvação bucólica do povo,
 essa nostalgia da origem perdida, essa identificação do "popular"
 com o natural, o ingênuo, o espontâneo, o simples, o
 verdadeiro etc. Tudo isso despoja a realidade do povo de sua
 verdadeira face, dos seus aspectos incômodos, de seu potencial
 de revolta, de suas dimensões ameaçadoras. (MENEZES, 1977, p. 13)

Falar de cultura popular não é criar um novo padrão daquilo que é ou não cultura, mas analisar os elementos que perceptíveis de diferentes formas, dão base para nossa compreensão do tema. O cordel, dentre esses elementos, carrega conceitos e expressões mais associadas a determinados grupos, estes com características singulares, com produções muito íntimas de suas realidades, dialogando não somente com a realidade daquele que produz o cordel, mas também com a realidade do seu leitor. Sua diversidade temática faz com que o cordel se faça presente em variados grupos sociais, dando voz, conseqüentemente, a outras realidades, discutindo temas do homem comum, do cotidiano que muitas vezes passa despercebido daqueles que produzem a história enquanto relato oficial. O cordel vem a ser fonte de estudos históricos na mesma medida que dá voz a grupos sociais e descreve práticas culturais representativas desses grupos. Percebe-se então, a Literatura de cordel como sendo uma das manifestações mais expressivas da cultura popular. Como exemplo disso, verifica-se a citação de Silvio Romero, reproduzida em epígrafe por Mota (1961), na primeira página do livro Cantadores:

Ninguém imagina como quero bem a isto, como acho isto bonito! (...) Qual literatura! Se vocês querem poesia, mas poesia de verdade, entrem no povo, metam-se por aí, por esses rincões, passem uma noite num rancho, à beira do fogo, entre violeiros, ouvindo trovas de desafio. Chamem um cantador sertanejo (...). Então, sim. Poesia é no povo. (MOTA, 1953 apud MENEZES, 1977, p. 12-13)

O que se discute quando se trata sobre a cultura popular, principalmente em sala de aula, não é o quanto esta é mais ou menos importante dentro de um cenário geral do que é cultura, mas a importância dessa discussão é demonstrar aos alunos como parte daquilo que constitui sua realidade, seu cotidiano, também tem tamanha importância na construção do contexto histórico que se modifica a cada dia. Assim, como nos mostra Marinho e Pinheiro (2012):

O trabalho com a literatura popular pressupõe essa “empatia sincera e prolongada” e, sobretudo, uma “relação amorosa”. Diria também, uma atitude humilde, receptiva diante da cultura popular para poder apreender-lhe os sentidos e não interpretá-la de modo redutor. Não se trata, por outro lado, de hipervalorizar as produções culturais de vertente popular, mas de compreendê-las em seu contexto, a partir de critérios estéticos específicos, para poder perceber sua dimensão universal (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 125 e 126).

Com o artifício da leitura oral dos folhetos, o educador pode proporcionar o encantamento nos alunos e divulgar experiências singulares, regionais e nacionais. Além do que, essas práticas culturais podem incentivar a inventividade, a criação e o protagonismo infanto-juvenil no ambiente escolar. O trabalho com esse tipo de fonte permitirá ao aluno compreender a consciência de grupos de uma determinada região do país, possibilitando a análise de um discurso e de uma constituição tradicional de sentido. Entende-se que é de grande importância mostrá-los que a construção da história que estudam em sala de aula também depende de sua participação enquanto sujeito histórico, e que suas ações são determinantes para o curso do contexto o qual estão inseridos.

Dos anos 2000 para cá, o suporte da poesia cordelística, ou seja, seu meio material de circulação, se diversificou bastante. Passou a integrar grandes projetos gráficos e editoriais como, por exemplo, a coleção *Ciência em versos de cordel*³ e a obra *Acorda cordel na sala de aula*. O cordel tem sido difundido também por meios eletrônicos, através de sites especializados na área, que tanto são utilizados como espaço de produção de novos cordéis

³Coleção composta por 12 livros infantis, escrita pelo cordelista Gonçalo Ferreira da Silva. Foi publicada pela editora Rovelle em 2011.

como também abrigam acervos de folhetos digitalizados. O cordel se popularizou e se diversificou à medida que se estabeleceu na memória coletiva como algo que faz parte da nossa identidade e que, portanto, tem sido documentado, preservado e ensinado a novas gerações.

Entre os principais personagens da história do Brasil que ocupam as páginas dos folhetos, estão Antônio Conselheiro, Luís Carlos Prestes, padre Cícero, Antônio Silvino e Lampião, Getúlio Vargas, Jânio Quadros, João Goulart, Tancredo Neves, entre outros. ‘Os heróis nacionais, assim como os heróis dos romances, têm a sua vida e morte detalhadas e, mesmo depois de mortos, recebem julgamento e terminam no céu ou no inferno’. (MARINHO, PINHEIRO, 2012, p.106).

Os folhetos procuram enfatizar temas que proporcionam espaço e priorizam acontecimentos presentes no cotidiano das pessoas comuns, problemas sociais que numa visão macro poderiam nem ser lembrados, mas que ganham notoriedade, ou ao menos, visibilidade através das produções da literatura de cordel. Com isso, essas obras que priorizam temas referentes à realidade da população reforçam o ideal de cultura popular, ou seja, elementos culturais que são construídos a partir da realidade cotidiana das pessoas comuns e que também contribuem para a construção do que conhecemos como história.

Mais que demonstrar a participação popular na construção da história, inserir o cordel nas aulas como elemento da cultura popular, vem reforçar um espaço de participação a elementos, muitas vezes, marginalizados na história que também tem suas ferramentas de comunicação e representação, possibilitando assim, diferentes estratégias para que conheçamos a história conforme o viés popular e com base nas diferenciadas leituras de mundo. Assim, utilizar o cordel não é monopolizar a representação cultural popular através dessa literatura, mas disponibilizar um elemento que possa contribuir no objetivo de também representar a cultura popular e ressoar a voz e a visão daqueles que a compõem, fazendo da sala de aula, além de um ambiente de aprendizado formal, um espaço de representação de diferentes ideias e visões de diferentes camadas da nossa sociedade. O cordel — respeitando diferentes épocas, contextos e lugares — se assemelha ao desenvolvimento da música popular e sua consolidação como representação cultural relevante. O jazz, por exemplo surge num cenário musical inicialmente produzido por pessoas que não possuíam as melhores condições para fazê-lo, mas aos poucos se insere em diferentes ambientes atingindo o consumo por diversos grupos sociais, sem necessariamente perder a essência popular presente em seus modelos de críticas e expressões de angústias próprias do povo. Justamente nesse ponto analiso o cordel que carrega em sua essência o modo de ver o mundo influenciado pela

população, ou seja, por uma já formada cultura popular que mesmo quando não possuía o espaço necessário para se expressar, já havia desenvolvido suas táticas e formatos.

1.2 Cordel e cultura histórica

É inquestionável o papel da escola na aprendizagem histórica, porém não se aprende história só no ambiente escolar, mas também através da cultura histórica presente na mídia, nos jornais, nas redes sociais, nos discursos políticos, no cinema, nos jogos eletrônicos, na literatura, entre outros.

Os alunos chegam à escola já carregados de uma História cujo aprendizado não foi controlado pelo professor ou pela escola, mas que teve origem na experiência pessoal, no convívio com os mais velhos, na prática da religião, no contato diário com os meios de comunicação. (CERRI, 2005, p. 13)

Ao abordar o conceito de cultura histórica, verificamos que se trata “de uma forma específica de experimentar e interpretar o mundo, que descreve e analisa a orientação da vida prática, a autocompreensão e a subjetividade dos seres humanos” (CARDOSO, 2008 apud WANDERLEY, 2012). Ela é o resultado de manifestações da consciência histórica que se relacionam aos diversos meios nos quais a história é utilizada. Para o teórico JörnRüsen, “a ‘cultura histórica’ significa um conjunto de âmbitos específicos no interior dos quais se dão a reconstituição e evidenciação (mais ou menos) consciente e incessante de memórias” (RUSEN apud ABREU, 2015, p. 14). De acordo com esse autor, todos os homens precisam lembrar-se do passado no presente, ou reconstruir o passado no presente com vistas ao futuro.

A cultura histórica abarca o campo em que os potenciais de racionalidade do pensamento histórico atuam na vida prática, conseqüentemente, a cultura histórica está para além do domínio do conhecimento adquirido pela ciência da História na aplicação prática do saber histórico. Dessa forma, a cultura histórica contempla as diferentes estratégias de investigação, sejam elas científico-acadêmicas, da criação artística, da luta política pelo poder, da educação escolar e extraescolar, do entretenimento e de outros procedimentos ligados à história pública. Nesse sentido, a cultura histórica atua no campo da interpretação do mundo e de si mesmo, a partir das operações de sentido da experiência do tempo determinantes da consciência histórica. Ainda nessa perspectiva, verificamos o conceito de cultura histórica desenvolvido por Flores (2007):

Entendo por cultura histórica os enraizamentos do pensar historicamente que estão aquém e além do campo da historiografia e do cânone historiográfico. Trata-se da intersecção entre a história científica, habilitada no mundo dos profissionais como historiografia, dado que se trata de uma saber profissionalmente adquirido, e a história sem historiadores, feita, apropriada e difundida por uma plêiade de intelectuais, ativistas, editores, cineastas, documentaristas, produtores culturais, memorialistas e artistas que disponibilizam um saber histórico difuso através de suportes impressos, audiovisuais e orais. (FLORES, 2007, p. 95)

O autor reconhece a cultura histórica como sendo uma produção de saberes históricos das mais diversas áreas sociais. Portanto, podemos concluir que a cultura histórica está além do campo da cultura historiográfica.

Baseado no conceito de cultura histórica acima elencado, a partir da perspectiva de abordagem desses autores, podemos perceber esse constructo presente na narrativa poética da literatura de cordel na qual pretendemos entender a imagem que foi se formando do homem simples e de sua história através de seu discurso poético⁴, assim como a resposta dada pelo poeta em determinado tempo dentro da sociedade em que viveu. Como exemplo dessa abordagem da história, podemos citar o tema da escravidão. Descrito em vários folhetos de cordel, menciono um trecho do folheto *A linha do tempo dos negros no Brasil*. Nos versos iniciais, o cordelista se expressa da seguinte forma:

Com a viola do tempo
Vou dedilhando acordado
Afinando as idéias
Pontilhando o passado,
Dos negros no Brasil
Sua história e seu legado[...]

Da África importaram
Pra um destino tirano
A força de trabalho
Atravessou o oceano.
Aqui desembarcavam
Num estado desumano. (OLIVEIRA, 2009 p. 1-2)

Nesse pequeno trecho, podemos ver como o cordelista aborda o tema. Essa difícil fase da história do nosso país, descrita em várias fontes, também teve grande relevância nessa literatura em versos. Tudo o que o homem diz, escreve, faz, cultiva, transforma pode e deve informar algo sobre ele. Conforme nos explica Marc Bloch, são as ações humanas no tempo

⁴ Entendido aqui a partir de uma perspectiva de como o poeta (cordelista) está representando, reconstruindo ou ressignificando determinados acontecimentos sociais dentro de seus poemas, a ideia de como ele está dando sentido a esse passado.

que a história quer interpretar e compreender, a história é uma ciência, uma “Ciência dos homens, dos homens, no tempo” (BLOCH, 2001, p.55).

Dessa forma, entendemos que o cordelista através de suas reflexões sobre o cotidiano se utiliza de sua produção poética para produzir um saber histórico. Ainda nessa perspectiva, por mais que o poeta não possua o controle dos procedimentos teórico-metodológicos tão cobrados aos historiadores na hora de pôr em prática suas pesquisas e na construção de sua escrita da história, ele escolhe e define seu método através da construção de seus poemas, buscando em fontes historiográficas os fatos e acontecimentos que pretende abordar, faz seus recortes e se utiliza da linguagem figurada na construção de suas “narrativas históricas” no interior de sua produção poética e na construção de determinado conhecimento histórico.

A apropriação dos folhetos de cordel pelo ensino de história torna possível a demonstração de uma constituição histórica de sentido tradicional, de uma experiência interpretativa e subjetiva e por sua vez de uma constituição crítica de sentido na orientação do agir. Sendo assim, a formação histórica pelo viés do saber e da ação, como pretendemos que seja realizada a utilização do cordel no ensino de história, trabalha a experiência, a interpretação da experiência e a orientação no tempo presente. A criança e o jovem como protagonista no processo histórico. “Nesse processo, o sujeito afirma a si próprio. Ao aprender, firma a dimensão temporal de sua própria identidade e assenhoreia-se de si, de seu tempo.” (RÜSEN, 2010, p. 107- 108).

A partir desse contexto podemos ressaltar o papel e a importância da Didática da História para o aprendizado histórico. Uma disciplina focalizada em valorizar o processo de aprendizagem histórica, inclusive, mas não apenas, através do ensino da história no ambiente escolar. De acordo com Rüsen (2010), a aprendizagem histórica é um processo mental que se fundamenta na mobilização de quatro diferentes capacidades que estão sistematicamente inter-relacionadas e são interdependentes: a capacidade de vivenciar a experiência histórica; a capacidade de interpretação da experiência histórica; a capacidade de usar a experiência histórica interpretada (conhecimento histórico) para orientar a sua própria vida no quadro de uma ideia corroborada empiricamente no decurso do tempo das vidas humanas – esta orientação inclui um conceito de identidade histórica; a capacidade de motivar as nossas próprias atividades de acordo com a ideia do nosso lugar nas mudanças que ocorrem no tempo.

A consciência histórica vem da necessidade de orientação que todo ser humano tem, de buscar orientar-se no tempo que vive, de dotar de sentido sua existência para poder viver. Percebemos que a consciência histórica vem se tornando um dos eixos centrais do ensino de

história nessa nova perspectiva da educação histórica e é alimentada por um sentido de identidade. Essa perspectiva da consciência histórica considera que o saber é construído dentro e fora do espaço escolar. A família, a igreja, a mídia, a rua ensinam e formam consciência. Tais espaços fornecem aos alunos ideias adequadas e mais ou menos fragmentadas sobre a história. Nesse contexto, podemos salientar que os folhetos de cordel expressam formas de consciência histórica, eles expressam a maneira como determinados grupos sociais se orientam no tempo e criam identidades frente a sociedade. A narrativa ficcional literária do cordel, nesse sentido, se aproxima da narrativa historiográfica – como produtor de sentido histórico e identidade. Entender como isso se dá auxilia a competência narrativa dos alunos e, com isso, o aprendizado significativo da História escolar.

No que se refere às possíveis relações entre a narrativa histórica e a narrativa literária no decorrer do século XX, para Pesavento (2003) ambas se colocavam a serviço de uma causa, que definia assim o seu valor e positividade. Segundo a autora:

Hoje, são outras as questões que articulam o debate, que aproximam e entrecruzam as narrativas histórica e literária, entendendo-as como discursos que respondem às indagações dos homens sobre o mundo, em todas as épocas. Narrativas que respondem às perguntas, expectativas, desejos e temores sobre a realidade, a História e a Literatura oferecem *o mundo como texto*. (PESAVENTO, 2003, p.32)

Dessa forma, verificamos que a história e a literatura estão mais próximas do que nunca, pois “História e Literatura são formas distintas, porém próximas, de dizer a realidade e de lhe atribuir/desvelar sentidos”(PESAVENTO, 2003, p. 32). Nessa perspectiva, a autora ressalta que:

[...] à concepção de que a História, tal como a Literatura, é uma narrativa que constrói um enredo e desvenda uma trama. A História é uma urdidura discursiva de ações encadeadas que, por meio da linguagem e de artifícios retóricos, constrói significados no tempo.(PESAVENTO, 2003, p.33)

Portanto, a partir dessa ideia, a história como construção de uma narrativa sobre o passado está ligada ao conceito de representação, e tanto a história, quanto a literatura teriam o seu lugar, como formas ou modalidades discursivas que tem sempre como referência o real, mesmo que seja para negá-lo, ultrapassá-lo ou transfigurá-lo.

Ainda como desdobramento desta compreensão da História que a aproxima da Literatura, temos o entendimento de que ambas as narrativas realizam a configuração de um tempo. Seja este o que se passou, no caso da História, ou que poderia ter se passado, mas que realmente se passa, para a voz narrativa da Literatura, este tempo se constrói como uma nova temporalidade, nem presente nem passado, mas que ocupa o lugar do passado e, no caso da História, a ele se substitui.

É este presente da escrita que inventa um passado ou constrói um futuro, para melhor explicar-se. Nesta medida, o momento da feitura do texto torna-se essencial para o entendimento das ações narradas, sejam elas acontecidas ou não. (PESAVENTO, 2003, p. 33)

Ao que se refere aos distanciamentos existentes entre a Literatura e a História, uma primeira questão levantada relaciona-se ao fato de que há uma distinção no que diz respeito aos compromissos de cada narrativa com a realidade, posto que a história, nesse sentido, estaria preocupada com uma busca incessante pela verdade dos fatos. No entanto, mesmo que já por volta do século XIX, essa perspectiva de abordagem da história já comece a receber críticas, é com a chamada “crise dos paradigmas”, na década de 1970, que essas críticas já anteriormente feitas por parte de alguns, passam a ganhar força, ocorrendo a partir daí uma maior aproximação entre História e Literatura, inclusive passando esta última a ser fonte e objeto de pesquisas historiográficas.

Conforme Pesavento, que segue em uma linha de pensamento semelhante à de Paul Veyne e Michel de Certeau, uma diferença entre a literatura e a história está pautada na ideia de que a história recria seu mundo através do texto a partir de algo que realmente aconteceu, uma espécie de “romance verdadeiro”, “fabricação do passado”, “narrativa do que aconteceu” (VEYNE, 1971, CERTEAU, 1975 apud PESAVENTO, 2003, p. 35). Nesse sentido:

as estratégias ficcionais do historiador estariam presentes na escolha, seleção e rejeição de materiais, organização de um enredo, escolha e uso de palavras e metáforas, desvendamento de sentidos implícitos. Mas, sem sombra de dúvida, o exercício ficcional de escrita da História encontra limites, se formos considerá-lo com relação àquele que preside a escrita da Literatura. Estes limites se dão, por um lado, pela exigência deste acontecido, ou de que os personagens e fatos sejam reais. (PESAVENTO, 2003, p. 35)

De acordo com Sarlo (2007), o historiador, embora tenha a intenção de relatar o passado, o faz sob a luz das inquietações do presente. A irrupção do passado no presente só pode ser compreendida devido à linguagem. Ela é mobilizada através da palavra organizada em discurso, nesse caso, organizada em procedimentos de narrativa. Os acontecimentos do passado são repletos de discontinuidades, de informações desconhecidas, ou que não são consideradas importantes no momento da construção do discurso historiográfico. A organização das histórias em uma narrativa histórica tem o intuito de amenizar essas lacunas, evidenciando as continuidades e viabilizando a interpretação.

A questão da constituição da História como uma ciência narrativa também vem sendo problematizado nas últimas décadas no sentido de aproximar História e Literatura e, ao mesmo tempo, para questionar a validade diferenciada da narrativa histórica em relação à

ficcional. White (1992) esforçou-se por provar que o discurso dos historiadores seria uma narrativa em prosa e, o que chocou os historiadores da época, um discurso em geral poético e, especificamente, linguístico por natureza.

O teórico da história alemão, Jörn Rüsen (2010), tentou dialogar com essa interpretação, não para negá-la, mas, com o objetivo de evidenciar quais seriam as diferenças entre as narrativas ficcionais, típicas da literatura, e a narrativa histórica. Para ele, o adjetivo “poética” se aplica bem à produção historiográfica se a considerarmos no sentido original da *poiesis*, ou seja, fazer ou produzir algo. Afirma ele:

Na verdade, nenhum historiador pode negar o fato de que existe uma atividade criadora da mente humana funcionando no processo do pensamento e do reconhecimento históricos. A narrativa é a maneira como esta atividade é produzida e ‘História’ – mais precisamente, uma história – é um produto dela. (RUSEN, 2010, p. 94)

Ora, então qual seria a diferença entre a narrativa histórica e a ficcional? Seria a narrativa historiográfica a única narrativa que produziria sentido para o estar no tempo? Para Rüsen, toda narrativa que se estabelece como “um processo de constituição de sentido da experiência do tempo” (p. 95) é uma narrativa histórica e esta categorização não se limita àquela produzida pela historiografia, ou seja, pela História ciência. O que daria sentido histórico para uma narrativa não seria o fato de que esta seria “factual” e não “ficcional”, mas, a existência de três qualidades postas em relação sistemática: a narrativa histórica “está ligada ao ambiente da memória”, mobilizando a experiência do passado de modo a tornar compreensível o presente e possível a expectativa de futuro; ela organiza a relação entre as temporalidades (passado, presente e futuro) a partir do conceito de continuidade, de forma a ajustar a experiência real do tempo às expectativas humanas; e ela também serve para estabelecer identidade para seus autores e ouvintes (p. 97).

A ideia em curso, portanto, é a de uma abordagem especificamente como narrativa histórica da literatura, na qual, utilizaremos os folhetos de cordel como um artefato cultural didático, que pode ser utilizada em sala de aula como fonte histórica e como uma narrativa histórica construída pelos cordelistas como uma característica que, como vimos com Rüsen, não a afasta tanto assim da narrativa historiográfica. Não queremos dizer que a produção cordelística é igual à historiográfica. Elas seguem modos de produção e objetivos diferentes, mas, não opostos. Nos interessa no conjunto dessa produção, aquelas narrativas que podem ser definidas como narrativas históricas, ou seja, que produzem sentido para o estar no tempo.

Buscou-se nesse capítulo fazer uma discussão sobre a influência da literatura de cordel na produção do conhecimento histórico, procurando ressaltar que a poesia enquanto um tipo específico de literatura pode conter um registro histórico, um discurso de cultura histórica, evidenciado através da produção poética do autor.

A proposta de uso do cordel no ensino, se bem trabalhada, tem a capacidade de evidenciar a importância da cultura popular na formação educacional dos alunos, mostrando a possibilidade de diferentes agentes históricos ocuparem paralelamente ambientes onde muitas vezes estavam restritos a definidos modelos de cultura.

A intenção desse estudo é realizar um trabalho didático histórico que utilize o cordel no aprendizado escolar de História. Almeja-se trazer algo próximo da realidade dos alunos, aguçar o senso crítico sobre os principais problemas que acometem nossa sociedade e despertar neles a capacidade de ter um olhar macro da realidade brasileira, mas também uma visão micro, observando e criticando práticas que ocorrem bem próximo e afetam suas vidas diretamente.

1.3 A memória coletiva na poesia cordelística

A memória é uma das mais importantes características do ser humano. Está tanto na constituição do indivíduo quanto na base da civilização, de maneira que é possível identificá-la nas lembranças pessoais, na oralidade, nos lugares, nas comemorações, nos documentos e monumentos. O termo memória nos remete à tradição de um determinado povo, uma reconstrução dos momentos históricos e interpretação que se tem dos mesmos.

Trataremos nessa pesquisa de algumas questões referentes à memória coletiva, que para Halbwachs (2013) tem função de formar a identidade de um grupo social, visto que ela representa a projeção do passado de determinado povo. Para esse autor,

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2013, p. 30).

Assim, podemos entender a memória como um processo de construção da formação da identidade e do imaginário, através das representações e reproduções coletivas. Em sua tese,

Halbwachs (1994) ressalta que, quaisquer que sejam as lembranças do passado que possamos ter, sejam elas resultados de sentimentos, pensamentos e experiências exclusivamente pessoais, elas só podem existir a partir dos quadros sociais da memória. “Nós não temos memórias individuais, porque na realidade nós nunca somos seres solitários” (HALBWACHS, 1968, p. 2-3 apud SANTOS, 2003, p. 70). Portanto, a memória individual não é possível sem palavras e ideias vindas da coletividade.

A memória de cada sujeito está ligada de forma inerente à memória dos que convivem com ele, mostrando associações entre a memória pessoal e a memória do grupo, fazendo com que a memória individual se transforme em coletiva. Já para o teórico Le Goff (1990),

a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 1990, p. 368)

Dessa forma, entende-se que a memória é conduta da recordação de fatos vivenciados pela sociedade, transmitindo, para o futuro, os valores ou experiências que resultam na consolidação de um grupo. Ela é reconhecida como um instrumento de poder, permanece no grupo e fundamenta sua identidade. Na literatura de cordel, objeto dessa pesquisa, o cordelista registra sentimentos, assuntos ligados à política, problemas sociais, fatos cotidianos e históricos. Os versos divertem, traçam a identidade de seu povo e testemunham a história. Assim, podemos entender a literatura de cordel como um artefato cultural que é fonte de memória.

O cordel expressa a realidade, não só daqueles que o produz, mas também do público leitor. Na verdade, um dos fatores que mais enriquecem esses registros é a reprodução que diversas vezes se faz de elementos regionais, sejam no contexto político ou de ênfase das características culturais do Nordeste. Há uma capacidade de aproximar as pessoas do tema tratado, contribuindo para uma maior interação entre o leitor e o texto, onde aquele que lê, consegue, ao mesmo tempo, enxergar-se em meio às cenas de seca no sertão, do descaso dos políticos com os problemas da população, do esquecimento de muitas pessoas da riqueza cultural nordestina.

O cordelista é geralmente um cronista de tempos passados e presente. Passeia pelos dias do descobrimento, aborda a questão da escravidão, vai até Canudos, descreve o movimento do Cangaço, vê perplexo as mazelas da seca, acompanha o movimento que

reverencia o Padre Cícero, presencia as grandes manifestações nas ruas. O cordelista acompanha as calamidades públicas, fatos de grande comoção popular e acaba compondo um extenso material de interesse histórico.

O cordel ainda é considerado uma arte dos menos favorecidos, pobres e analfabetos. Uma obra espontânea do povo, vinda da tradição oral e, principalmente, uma obra da coletividade. As temáticas em seus folhetos expressam o cotidiano de uma população permeado entre o real e o imaginário. Em suas páginas são transcritas vivências atreladas ao contexto histórico-social. Esse registro da cultura popular revela, através de sua linguagem, a produção de conhecimento de mundo, suas visões do passado, do presente, as relações críticas com a época em questão e o desenvolvimento da vida em sociedade, perfazendo um conhecimento da produção cultural da humanidade. Dessa forma, o cordel como suporte de relatos vivenciados é um construto social oriundo da memória coletiva.

A utilização do cordel no ambiente escolar, significa valorizar e trazer para o ambiente escolar uma produção de conhecimento baseada na realidade do aluno, do professor, uma história onde aqueles que a estudam e procuram conhecê-la, também se sintam participantes da sua construção.

A predileção pelo cordel foi mesmo uma escolha pessoal, mas embasada em algumas perspectivas que considerei decisivas. À parte as minhas experiências com o cordel, catalogando e divulgando para os usuários de uma biblioteca, essa literatura tem feito parte do “imaginário coletivo” e tem lugar de destaque em muitas pesquisas acadêmicas das mais diversas áreas do conhecimento. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) declarou o cordel como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro no mês de setembro de 2018, isso por si só denota a posição da literatura de cordel no âmbito cultural.

1.4 – O folheto de cordel e o ensino de História

Ao fazermos uma reflexão sobre as atividades no cotidiano escolar, percebemos que existe uma necessidade desse sistema ser modificado tendo em vista as exigências diferenciadas da sociedade atual. As contradições sociais e seus reflexos podem ser vistos, principalmente, nas escolas públicas. Alunos de baixa condição social, salas com um número significativo de alunos, com interesses, realidades e expectativas diversas. Assim, de acordo com Monteiro (2003),

a escola, mais do que um local de instrução e transmissão de saberes, passou a ser considerada como um espaço configurado e configurador de uma cultura escolar, onde se confrontam diferentes forças e interesses sociais, econômicos, políticos e culturais (MONTEIRO, 2003 apud FORQUIN, 1993, p. 12)

Dessa maneira, o ensino de História tem sido objeto de grande interesse, constituindo um campo de pesquisas em desenvolvimento no Brasil. Torna-se relevante pensar sobre esse campo não como uma simplificação dos saberes produzidos nas universidades, mas como um ambiente dinâmico onde possa ocorrer a aprendizagem em um lugar com demandas sociais e culturais próprias.

No que se refere ao ensino de história, ainda hoje, percebe-se que em muitas escolas da rede pública de ensino, existe uma diferença entre as mudanças da historiografia e o que é ensinado nas salas de aula. De fato, com temas ou assuntos organizados muitas vezes em esquemas de causas e consequências, com um tempo histórico pensado de forma linear, não é incomum encontrarmos um aprendizado marcado pelo ato de memorização, visando apenas à aprovação nas avaliações bimestrais. Nessa perspectiva, não se valoriza o poder de criação, de crítica e de reflexão do aluno. Vemos, em muitos lugares, o ensino de História resumindo-se apenas à transmissão de conteúdos elaborados em programas e currículos.

Com uma linguagem interessante, o cordel mostra-se como uma importante ferramenta pedagógica capaz de promover questionamentos, despertar o imaginário e a reflexão. Essa produção, marcada sobretudo pela oralidade, é típica dos estados de Pernambuco, da Paraíba, do Rio Grande do Norte e do Ceará. As façanhas do cangaceiro Lampião (Virgulino Ferreira da Silva, 1900-1938) e o suicídio do presidente Getúlio Vargas (1883-1954) são alguns dos assuntos retratados nos cordéis que tiveram maior tiragem no passado e podem contribuir muito na aprendizagem escolar. Não há limite para a criação de temas dos folhetos. Praticamente todo e qualquer assunto pode virar cordel nas mãos de um poeta competente.

Essa discussão é relevante para o ensino de história ao menos porque a história como disciplina escolar é eminentemente narrativa. Se considerarmos o ofício do professor de história, a narrativa, nas suas mais variadas formas, permeia praticamente todas as etapas no processo de ensino. A aula de história é uma narrativa ou uma combinação de narrativas. Percebe-se a predominância da verbalização sobre a escrita. O professor seleciona narrativas como prática frequente no seu cotidiano de trabalho, seja do livro didático ou de materiais que

emprega como recursos paradidáticos (filme, livro, música etc.), e, por vezes, cria, separa, combina narrativas de diversos tipos para explicar um conteúdo. Porém, Monteiro afirma que,

nossos alunos, ao chegarem à escola são portadores de saberes, referências construídas nos grupos familiares que cultivam suas memórias: sejam memórias de trabalhadores, migrantes nordestinos, desempregados, de lutas e combates diários pela sobrevivência, de referências étnicas, religiosas que oferecem explicações do mundo e de seu devir (MONTEIRO, 2007, p. 12)

Esses saberes, carregados de memórias individuais e coletivas, não devem ser negligenciados. No processo historiográfico, memória e História se inter cruzam na busca pela compreensão do social.

No ambiente escolar, percebemos que alunos e professores comentam constantemente sobre o que vêem em diversos espaços. A discussão de temas que estão nos meios de comunicação, nas redes sociais e na mídia, de uma forma geral, muitas vezes fazem com que as aulas sejam substituídas por profundas reflexões. Isso é muito positivo porque essas informações podem ser transformadas em conhecimento. Tal fato nos faz concordar com Kretli (2007),

Penso que o conhecimento não deve ser percebido como algo restrito à sala de aula, e que o cotidiano escolar constitui espaços e tempos de saber, de criação, de prazer, de exercício da inteligência, da imaginação, da memória, da solidariedade e de grande diversidade de outros saberes. Para que a aprendizagem aconteça de forma mais significativa, precisamos aproveitar melhor e explorar mais o potencial formador dos diversos espaços e tempos escolares, além dos artefatos culturais que perpassam o seu cotidiano. (KRETLI, 2007, p. 1)

Assim, o trabalho com o folheto de cordel visa uma prática onde a pesquisa enriquece o ensino no sentido de abordar questões que podem estar ausentes nos livros didáticos, abordagens complementares ou uma outra visão daquilo que nos foi ensinado. Por exemplo, uma análise mais aprofundada da história de Canudos e não o que a maioria dos livros tratam sobre esse movimento. Ou ainda, a utilização de cordéis que demonstram simpatia e exaltam figuras nacionais como Getúlio Vargas. Nesse sentido, os “folhetos de acontecido”, aqueles que tratam de informar sobre os acontecimentos são a melhor opção. Inúmeros são os eventos do século XX contidos nos folhetos que relatam a vida em sociedade.

O cordel, que através de sua narrativa conta os acontecimentos de um dado período e de um dado lugar, se transforma em memória, documento e registro da história brasileira. Tais acontecimentos recordados e reportados pelo cordelista, que além de

autor se coloca como conselheiro do povo e historiador popular, dão origem a uma crônica de sua época. (GRILLO, 2003, p.117).

De acordo com Monteiro (2003), ‘professores e alunos são sujeitos, portadores de visões de mundo e interesses diferenciados, que estabelecem relações entre si com múltiplas possibilidades de apropriação e interpretação’. Assim, como podemos perceber,

existem diferenças substanciais entre a exposição teórica e a exposição didática. A primeira deve levar em conta o estado do conhecimento, a segunda, o estado de quem conhece, os estados de quem aprende e de quem ensina, sua posição respectiva com relação ao saber e a forma institucionalizada da relação que existe entre um e outro, em tal ou qual contexto social. Não se trata apenas de fazer compreender, mas de fazer aprender, de fazer incorporar ao *habitus* (MONTEIRO, 2003, apud FORQUIM, 1992, p.34)

Nesse sentido, é necessário levar em consideração o nível de conhecimento que o aluno já tem, o local onde ele vive, os meios de comunicação com os quais ele tem contato, as experiências vividas.

Ainda de acordo com seus estudos, Monteiro (2007) aborda o ensino de História enquanto “lugar”. Lugar de produção e transmissão de saberes, lugar de fronteira entre História e Educação, de convergência com outros múltiplos saberes. Essa discussão referente ao ensino de história é instigante, pois

nos desafia permanentemente ao dever de vigilância ética, política e epistemológica ao atuar entre a necessidade de ensinar saberes referentes ao passado, ao mesmo tempo em que se contribui para desenvolver o pensamento e a reflexão crítica dos alunos, cidadãos atuantes na sociedade em que vivem; ‘lugar de memória’, na perspectiva que possibilita relacionar o vivido (memórias espontâneas) com o ensinado/aprendido (saberes curricularizados, saberes ensinados, saberes aprendidos), rever saberes e compreensões que os tornam próprios e particulares, plenos de um saber do mundo na construção de conhecimentos de uso cotidiano, de memórias. Relação estrutural que gera conflitos, resistências, negações. Relação que põe em confronto diferentes culturas, visões de mundo. (MONTEIRO, 2007, p. 3)

Nesse contexto, ao observarmos a História do Brasil dita oficial escrita na maioria dos livros, nos deparamos com uma história peculiar, que enaltece e destaca apenas os grandes feitos e os grandes personagens. Percebemos que o que geralmente chega até nós é uma história pronta e acabada, produzida de cima para baixo, ou seja, imposta por uma elite brasileira econômica e intelectual. Diante desse cenário, os educadores precisam buscar alternativas que dinamizem e impulsionem o aproveitamento do saber do aluno na escola. Assim, vale à pena ressaltar que os folhetos de cordel têm o poder de envolver através de sua escrita musicalizada. Esse artefato cultural é uma forma de conhecimento que articula saberes sobre a realidade social, histórica, cultural e política, sobre o Nordeste, o Brasil, e o mundo,

vinculando e representando esses conhecimentos em forma de poesia. O cordel se configura um instrumento importante de representação, tanto da realidade dos brasileiros quanto do imaginário popular. Porém, de acordo com Pinheiro e Lúcio (2001),

Na sala de aula, é importante que o professor tenha sempre a preocupação em não transformar o folheto em mero relato jornalístico. O que interessa é perceber como o poeta se posiciona diante da história, tendo sempre em vista o caráter ficcional desta produção. (...) Lampião, assim como outros personagens da história do Brasil (Getúlio Vargas, Padre Cícero, Tancredo Neves, Antônio Conselheiro), desfila pelas páginas dos folhetos, assumindo ora a posição de herói, escolhido para resolver as questões sociais, ora a posição de homem comum, com suas fraquezas e incertezas. Resta-nos ler com atenção as histórias que estes personagens inspiraram e, despertar nos jovens, o interesse em saber um pouco mais sobre a nossa cultura, sobre a nossa história. (PINHEIRO; LÚCIO, 2001, p. 69 e 77).

A proposta aqui não é colocar a pé de igualdade as narrativas produzidas pelos cordelistas ditos tradicionais e as produzidas pelos historiadores profissionais, mas demonstrar que é possível, através da narrativa de um gênero literário poético, produzir um conhecimento histórico válido. Mas é preciso atenção na escolha de um cordel a ser trabalhado no ensino da escolar de História. No folheto *Acorda cordel na sala de aula*, referência nessa abordagem, temos as estrofes:

Falar a língua do povo
 Porém de forma correta
 É assim que o folheto
 Deve cumprir sua meta
 Usando temas diversos
 Pretendo, pois, nesses versos,
 Dar a receita completa[...]

Leando Gomes de Barros
 Mestre Manoel Camilo
 Autor de São Saruê
 Poema de grande estilo;
 João Ferreira de Lima
 Que mostrou em verso e rima
 As proezas de João Grilo.

O seu preço é acessível
 Mais barato que uma bola
 Dessas de plástico ou borracha
 Com ele ninguém se enrola
 É popular que só vendo
 Por isso é que eu defendo
 Nosso folheto na escola

Porém, professor, cuidado,
 Escute o que eu vou dizer:
 Nem todo folheto serve
 Tem que saber escolher
 Observe com atenção

MÉTRICA, RIMA e ORAÇÃO,
 Todo cordel deve ter

Separe o joio do trigo
 Examine o conteúdo
 A capa é muito importante
 Porém ela não diz tudo...
 Pra que o ruim não prevaleça,
 Cordel sem pé nem cabeça
 Não serve para o estudo.

Na dúvida procure um clássico
 Desses que eu citei aqui
 Pois foi estudando os mestres
 Que sei tudo o que aprendi
 E ainda acrescento mais
 São folhetos geniais
 Que eu sempre li e reli.

Dessa forma, percebe-se que o uso dessa literatura no ensino de História visa atrair os alunos de forma que os mesmos participem mais das aulas, consigam relacionar os conteúdos escolares com seu dia-a-dia e percebam que a História vai além do livro didático. O cordel busca fomentar o processo de ensino-aprendizagem, de modo a valorizar o aluno enquanto sujeito ativo e pensante nesse processo.

Com a narrativa, a História assume a função de estimular os homens na busca de um sentido através do conhecimento do tempo passado, a fim de permitir uma interpretação do momento presente e a busca de orientações para o futuro. O teórico Jorn Rüsen aborda a inserção do discurso no saber histórico e como estes discursos aparecem como parte integrante da orientação existencial, constituindo um elemento essencial da relação social na vida humana.

Ao indicar e interligar a dimensão da vida prática à esfera da ciência especializada, Rüsen apresenta-nos que o conhecimento histórico produzido na academia não se trata de um acontecimento isolado da sociedade, mas sim de uma satisfação de interesses comuns e que partem da vida cotidiana das pessoas e que deve retornar como função orientadora na vida prática. (BARON; CERRI, 2011, p. 1-2)

Percebemos então que tudo está interligado. O conhecimento histórico produzido nas universidades, institutos e centros de pesquisa partem de questões que foram observadas no dia a dia, em determinado período, em nosso meio social. Vemos também que o discurso não é apenas o que é dito sobre a vida humana, ele é dinâmico, molda costumes e modela sociedades. Ainda de acordo com Rüsen, as indagações que surgem no tempo presente são decorrentes de carências de explicação. O pensamento histórico, resultante da auto-reflexão, surge em resposta a essas carências. O tempo de experiência corresponde ao passado. É a carga ou a tradição vinda do passado que já temos como experiência, ou seja, já temos uma

compreensão. A intenção ou horizonte de expectativa corresponde ao futuro, o que o historiador pretende explicar, qual a resposta ele pretende obter. Quando esses dois fatores são relacionados, surge o resultado: a narrativa. Ela é o resultado da pesquisa histórica, é a constituição de sentido.

A constituição de um texto histórico passa pela constituição da narrativa histórica. A narrativa histórica baseia-se na organização da experiência humana no tempo e, portanto, presente em várias dimensões da vida social do ser humano, como na construção do conhecimento.

Rüsen desenvolve a reflexão de que a narrativa é um modo de se fazer História, pois o pensamento histórico segue uma lógica narrativa que, em todas suas formas e versões, está condicionado por um determinado procedimento mental de o homem interpretar a si mesmo e a seu mundo. Dessa forma, compreende-se que narrar é uma prática cultural de interpretação do tempo.

Ao realizar a operação de tornar presente o passado, a narrativa historiográfica conecta sua constituição de sentido à experiência do tempo, de maneira que o estudo desse passado, convertido em discurso, tenha significado para a orientação da vida prática do tempo presente, produzindo, assim, sentido histórico. A imensidão de maneiras possíveis de tornar presente o passado pode ser descrita através do conceito de “constituição histórica de sentido.

A constituição histórica de sentido perpassa todas as dimensões das manifestações da vida sob a forma de fragmentos de memória, que emergem na narrativa trazendo ao presente o passado. Rüsen aponta para a existência de estruturas básicas que compõem a construção deste sentido histórico, que se manifestariam em formas distintas de mobilizar a memória da experiência temporal e atribuir sentido ao presente. Desponta no pensamento rüseniano, a partir dessa reflexão, uma tipologia da constituição histórica de sentido por narrativas históricas, as constituições históricas de sentido tradicionais, exemplares, críticas e genéticas.

Na chamada constituição tradicional de sentido a mudança temporal é interpretada com a representação de uma duração que se eterniza no tempo, quando são lembradas as origens das condições atuais da vida. Isso porque a orientação histórica aceita o imperativo de reconhecer que as ações humanas no passado atuaram mediante a orientação de tradições, que proporcionaram a essas ações a possibilidade de se afirmarem ante as experiências do tempo. Essa permanência no tempo, típica das tradições, refere-se ao princípio da afirmação, tendo em vista que, dentro desses universos simbólicos, afirmam-se conteúdos culturais que transcendem ao tempo e que orientam o agir humano.

Na constituição exemplar de sentido, a rememoração da experiência do passado é direcionada de forma a comprovar regras práticas da experiência, portadoras de validade geral e atemporal. As narrativas exemplares compreendem em si o princípio da regularidade, pois, a partir dos exercícios da rememoração do passado, constituem-se regras gerais da experiência histórica, modelos de ação aplicáveis em diferentes contextos, em diversas situações particulares da vida. Esse critério de sentido distingue-se do critério da afirmação por uma relação mais ampla com a experiência e por um grau mais elevado de abstração. Ele permite que sejam sintetizadas diversas tradições em interpretações unificadas das experiências temporais e que seja estendido significativamente o alcance das experiências históricas relevantes para a orientação.

As regularidades são o inventário necessário das interpretações das experiências que influenciam o agir e a capacidade reguladora é um elemento essencial da força da identidade (RÜSEN, 2010, p. 46). Na constituição crítica de sentido, o sujeito do conhecimento revela sua diferença ou seu desacordo a outros sujeitos ou situações enunciados pela experiência humana ou por histórias. Segundo Rösen, “é necessário haver orientações históricas, nas quais e com as quais os sujeitos expressem sua diversidade e sua contraposição a outros sujeitos” (RÜSEN, 2010, p. 46). Singularizadas pelo princípio da negação, nessas narrativas críticas, as experiências rememoradas são contra experiências, e sua rememoração pode revelar contradições e inconsistências nos modos habituais de representação do passado. A constituição crítica de sentido amplia e reforça o alcance da orientação histórica, considerando que, em certa medida, rejeita aspectos consolidados tradicionalmente.

Na constituição genética de sentido, a evocação da experiência do passado proporciona que a própria mudança temporal seja incorporada como fundamento de uma perspectiva adequada a orientação cultural da vida. Marcadas pelo princípio da transformação, as narrativas genéticas são a forma hegemônica das narrativas históricas em sua versão científica, pois tornam explícita a historicidade do fluxo do tempo. Esse tipo de narrativa constrói os processos de mudança temporal de modo que possam ser compreendidos como gênese do arranjo de circunstâncias materiais e simbólicas em que se dá a vida prática atual. A mudança temporal deve poder receber uma qualidade de sentido apta a orientar o agir, pois ela não se aquieta no mero sentido guardado na memória e carece de ser significada em si mesma. Isso ocorre mediante o princípio da transformação. Por ele, a própria mudança temporal torna-se ponto de vista orientador da vida prática e da formação de identidade (RÜSEN, 2010, p. 47).

Podemos afirmar que a teoria da história de Jörn Rusen se fundamenta em três pilares que se repetem em suas reflexões: a experiência do passado, a interpretação deste passado e o sentido produzido a partir desta interpretação. Esta lógica está presente na regulação metódica do trabalho do historiador, na formação do indivíduo dentro e fora da sala de aula, e na narrativa expressa por qualquer pessoa ao mobilizar a consciência histórica, o que denunciará formas diferentes de mobilizar o passado e produzir sentido. Esta é uma contribuição fundamental, pois aponta que a história científica é apenas uma das possibilidades, de orientação e constituição de identidades na vida prática. Ou seja, dentre os vários polos produtores do pensamento histórico, capazes de atribuírem sentido e orientação, cabe à escola o papel da inserção do conhecimento metodizado como realimentação do conhecimento cotidiano. Isto não quer dizer de forma alguma uma mera transposição para as salas de aula da historiografia produzida na academia, pois a especialização decorrente da cientificização da história faz com que o produto historiográfico da pesquisa histórica não seja dos mais apropriados aos processos de formação da consciência histórica.

Como vimos anteriormente, o autor propõe a articulação da consciência histórica como superação dos dados prévios da tradição. Ela partiria da tradição, mas não se basearia apenas nela. Para além dos dados provenientes da tradição, existe a necessidade de utilizar o saber histórico proveniente da pesquisa que enriqueça esse processo de geração de sentido. Nesse processo de desconstrução da tradição levado a cabo pela consciência histórica, os princípios cognitivos que garantiram a racionalidade da produção científica devem ficar claros no processo de formação. Contudo, formação não é algo que se aprende, se possui e se usa. A formação histórica é, antes, a capacidade de uma determinada constituição narrativa de sentido. Sua qualidade específica consiste em (re)elaborar continuamente, e sempre de novo, as experiências correntes que a vida prática faz do passar do tempo, elevando-as ao nível cognitivo da ciência da história, e inserindo-as continuamente na orientação histórica dessa mesma vida.

Aprender é a elaboração da experiência na competência interpretativa e ativa, e a formação histórica nada mais é do que uma capacidade de aprendizado especialmente desenvolvida. Essa capacidade de aprendizado histórico precisa, por sua vez, ser aprendida. (RÜSEN, 2010, p. 94) A partir daí, Rüsen reafirma que cabe ao processo formativo o desenvolvimento de competências da consciência histórica necessárias na orientação prática. 'Formação' significa o conjunto das competências de interpretação do mundo e de si próprio, que articula o máximo de orientação do agir com o máximo de autoconhecimento,

possibilitando assim o máximo de auto-realização ou de reforço identitário (RÜSEN, 2010, p. 95).

Nessa ótica, um amplo saber histórico, simplesmente acumulativo de fatos datas e interpretações históricas, que não orientasse para a vida prática não teria nenhuma utilidade. O aprendizado pode ser considerado histórico quando, como atividade da consciência histórica, produz uma ampliação da experiência do passado humano, um aumento da competência para a interpretação histórica dessa experiência e reforço da capacidade de inserir e utilizar interpretações históricas no quadro de orientação da vida prática (RÜSEN, 2010, p. 110).

Para Rüsen narrar é uma prática cultural de interpretação de tempo que constitui categorias de sentido nas experiências humanas, criando uma representação da evolução temporal do mundo humano. Narrativa histórica articula percepção, interpretação, orientação e motivação, de maneira que a relação do homem consigo e com o mundo possa ser pensada e realizada na perspectiva do tempo.

O cordel, que através de sua narrativa conta os acontecimentos de um dado período e de um dado lugar, se transforma em memória, documento e registro da história brasileira. Tais acontecimentos recordados e reportados pelo cordelista, que além de autor se coloca como conselheiro do povo e historiador popular, dão origem a uma crônica de sua época. (GRILLO, 2003, p.117).

Com o artifício da leitura dos folhetos de acontecido o professor pode proporcionar o encantamento nos alunos e divulgar experiências singulares, regionais e nacionais. Além do que, essas práticas culturais podem incentivar a inventividade, a criação e o protagonismo infanto-juvenil no ambiente escolar.

2. A CORDELTECA GONÇALO FERREIRA DA SILVA

A Cordelteca, criada em 2007, funciona desde a sua fundação na biblioteca da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

É importante frisar que este espaço está localizado em um município com elevado crescimento populacional - com alta taxa de crescimento demográfico com mais de um milhão de habitantes - apresentando um baixo índice de desenvolvimento social e educacional; precária infra-estrutura urbana e de serviços; insuficiente distribuição de equipamentos de consumo coletivo, e nas quais as políticas públicas, ou a ausência delas, colaboram para reforçar o sofrimento humano e as desigualdades sociais e educacionais, ampliar e melhorar as condições materiais de produção de conhecimento com repercussões sociais, humanas, sociais e ambientais, justifica a realização de atividades que vão além dos muros da Universidade. Considerando tal realidade - embora, seu eixo principal seja a formação de professores - esta Faculdade possui diversos projetos nas mais variadas áreas do conhecimento, englobando, por exemplo, projetos em: Meio Ambiente (Planejamento Ambiental, Educação Ambiental, Monitoramento Ambiental e Estudos de Impacto Ambiental), Educação (Educação de Jovens e Adultos, Educação Infantil, Gestão Educacional, Formação de leitores, etc.), Lingüística, Saúde, Sociologia, entre outros, que

contribuem direta e indiretamente na formação do profissional professor qualificado e comprometido socialmente.

Figura 1: Foto da Biblioteca CEHD



Fonte: A autora, 2018.

O principal objetivo desse espaço na Universidade é divulgar a Literatura de Cordel no município e cidades adjacentes, e assim incentivar estudos e práticas pedagógicas e artísticas referentes ao Cordel e à cultura popular.

A Cordelteca possui atualmente em seu acervo mais de 2000 títulos de folhetos de cordel e é dinamizada através do projeto de extensão Leitura na Cordelteca da FFP. Esse projeto, idealizado pela professora Maria Isaura Rodrigues Pinto⁵, tem o objetivo de acionar mecanismos de operacionalização da leitura e de dinamização do acervo. O trabalho de leitura desenvolvido, favorece o diálogo acadêmico entre alunos, professores, funcionários e comunidade externa.

O seu patrono, o poeta Gonçalo Ferreira da Silva é o presidente da ABLC - Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Incansável na divulgação do Cordel no estado do Rio de Janeiro, foi ele quem doou grande parte dos folhetos e está sempre presente nos eventos que a Cordelteca promove. Gonçalo, nascido na cidade de Ipu, no Ceará, além de estar à frente da ABLC, escreveu diversos poemas, como, por exemplo, *Meninos de Rua e a Chacina da*

⁵Possui graduação em Letras pela Universidade Federal Fluminense (1976), mestrado em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1994), doutorado em Letras pela Universidade Federal Fluminense (2000) e pós-doutorado pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (2009/1 e 2010/2). Atualmente é professora associada da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, Literatura Comparada e Prática de Ensino, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura, leitura, ensino, intertextualidade, cordel e tradição oral.

Candelária e *Mahatma Gandhi*, que foram vertidos para o francês e o inglês, respectivamente. De acordo com Pinto (2018), seus poemas têm grande alcance temático, ao abordar assuntos como lendas, crenças, romances, política, biografias, fatos circunstanciais e históricos e até mesmo ciência e filosofia. Totalizando, Gonçalves escreveu e publicou cerca de 300 folhetos de cordel, além de ensaios, textos críticos e inúmeros artigos para revistas e jornais.

Na contramão de grandes cordelistas brasileiros semiletrados, Gonçalves possui formação acadêmica em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Poeta contemporâneo, morador do bairro Santa Teresa, no Rio de Janeiro, ele busca dar um tratamento erudito na construção de seus versos, embora ainda utilize muitos recursos e técnicas cultivados há décadas pelos pioneiros na arte de versejar.

Figura 2: Gonçalves Ferreira da Silva – Patrono da Cordelteca



Fonte: <http://cordel desaia.blogspot.com/>

Sempre presente no evento anual realizado na Cordelteca, Gonçalves faz palestras e declamações de seus poemas.

A Cordelteca da FFP é a primeira dentro de uma instituição de ensino superior, em São Gonçalo, a catalogar, indexar, e organizar com cuidados especiais os folhetos de cordéis, que

são frágeis por suas características físicas, objetivando a sua maior preservação. O acervo é catalogado e fica disponível para consultas locais pela comunidade em geral.

A coleção reúne folhetos de autores expressivos da literatura de cordel, como Leandro Gomes de Barros, considerado o primeiro escritor brasileiro do gênero, além de carregar também o título de Maior Poeta Popular do Brasil. Podemos encontrar ainda folhetos de Manoel Monteiro, são listados 48 documentos, entre eles, o folheto *Nova história da Paraíba: recontada em cordel*. De Manoel Tranquilino de Oliveira temos o cordel *História completa do herói João de Calais*, datado de 1945. No acervo, podemos contar ainda com os cordéis de Raimundo Santa Helena, são 64 ao todo, dentre eles Mané Garrincha, considerado um dos grandes nomes da história do futebol brasileiro. Do poeta Arievaldo Viana temos *Acorda cordel na sala de aula*, cordel inspirador que fez parte do projeto educacional que trabalhou a literatura de cordel em escolas públicas do nordeste. Vejamos algumas de suas estrofes:

O cordel contem ciência,
Matemática, astrologia
Noções de física, gramática,
De história e geografia,
Em linguagem popular
O cordel pode narrar
Tudo isso em poesia

A história de Getúlio,
Do padre Cícero Romão,
Do beato Conselheiro
De Silvino e Lampião
Numa visão popular,
Autêntica, complementar,
Vital para a Educação

[...] São histórias fascinantes
Que as escolas devem ter
Onde os estudantes podem
Pesquisar e aprender
Em cada biblioteca
Deve ter a Cordelteca
Outra fonte de saber.(VIANA, 2007, p. 5 e 6)

A Cordelteca possui uma significativa coleção de folhetos, recebida por doação. Esse acervo começou a ser organizado por processo manual, utilizando-se de fichas catalográficas para recuperação dos dados por autor, título e assunto. Com o crescimento da coleção e o avanço da tecnologia, os dados foram inseridos em um sistema automatizado utilizado na Rede de Bibliotecas da Universidade.

Sob minha orientação, um grupo de trabalho, formado por funcionários da Biblioteca e bolsistas, deram andamento à várias tarefas, dentre elas a continuidade da catalogação dos folhetos. A catalogação é uma operação técnica, na qual se realiza a descrição bibliográfica de um documento, de modo que este seja identificado com precisão. Para a concretização dessa descrição, é necessária a existência de regras, de forma a tornar possível a criação de um sistema internacional de permuta de informações bibliográficas. Os procedimentos adotados estão de acordo com o Código de Catalogação Anglo Americano (AACR2) e a norma NBR 6023 da Associação Brasileira de Normas Técnicas.

A questão autoral é a mais delicada no tratamento e abordagem dos folhetos, em razão dos inúmeros equívocos quanto à autoria e propriedade. Optou-se por dar entrada pelo nome completo do autor, seguido de remissivas para pseudônimos e apelidos. Para a padronização da autoria é utilizado o Dicionário Bio-bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada; os sites da Fundação Casa de Rui Barbosa e a base de autoridades da Biblioteca Nacional.

Nos casos em que a autoria não for identificada, faz-se referência apenas ao título do folheto. Para o título dá-se a entrada conforme consta na capa do Folheto de Cordel, sendo a transcrição do título fiel à obra original, sem a correção de eventuais erros ortográficos. Para os outros campos a padronização ficou assim definida:

Edição: indica as alterações ocorridas pelas revisões, correções e edições. São poucos os folhetos que apresentam alterações de edição.

Imprensa: informa os dados referentes à publicação: local, editor e data. Grande parte dos cordéis não apresenta estes dados.

Descrição Física: especifica dados referentes ao número de páginas e/ou volumes.

Notas Gerais: indicam as referências adicionadas, aquelas consideradas relevantes, ou seja, o tipo de ilustração, xilogravura, desenho, fotos e/ou clichê, observando-se a autoria, se houver, biografias, acrósticos, outros títulos publicados no mesmo folheto, agradecimentos, dedicatórias, bibliografias e outras notas relevantes que constar no Folheto de Cordel.

Descritores: são as pistas/assuntos que orientam a busca dos folhetos, recuperando as informações neles contidas, a princípio definidas como Literatura de cordel brasileira e Cordel.

A importância da catalogação de documentos é fundamental, pois auxilia no controle bibliográfico nacional e internacional, facilita a divulgação entre os bancos de dados e instituições científicas e propicia critérios para a seleção e aquisição de documentos.



Fonte: A autora, 2019.

A sala onde fica a cordelteca está localizada logo na entrada da Biblioteca. O espaço dispõe de 2 mesas grandes para estudo, 15 cadeiras, 1 estante e 1 computador para consulta do acervo. Os cordéis ficam acondicionados em pequenas caixas e seguem uma ordem numérica sequencial de acordo com a ordem que chegam para compor a coleção.

O acervo possui 2023 folhetos e 56 livros, em sua maioria recebidos por doação. Com uma temática variada, cerca de 25% desse total são folhetos de acontecido ou com temas históricos.

Figura 4: Temática dos folhetos da Cordelteca



Fonte: A autora, 2019.

2.1 O projeto de extensão Leitura na cordelteca da FFP e seu espaço de atuação

Os projetos de extensão em uma Universidade são de extrema importância porque eles trazem iniciativas que podem mudar a realidade em um determinado lugar. Nesse sentido, a condição de instituição estadual confere à Universidade do Estado do Rio de Janeiro um forte compromisso com o desenvolvimento regional.

A biblioteca universitária busca apresentar produtos e serviços voltados ao atendimento da comunidade acadêmica e comunidade em geral. Além do papel de disseminadora da informação e suporte aos programas de ensino, pesquisa e extensão, a biblioteca universitária pode desenvolver um papel importante por meio de ações culturais. Essas ações, realizadas em conjunto com outros departamentos da Universidade, devem estar inseridas no planejamento de serviços, visando a aproximação dos usuários. Diversas são as formas de realizar um projeto ou atividade cultural. Citam-se como exemplos exposições de artes, fotografias, poesias, contação de histórias, encontros literários, danças, músicas, etc. Essas atividades vêm tendo cada vez mais importância na contribuição de um novo paradigma para existência de uma biblioteca universitária moderna, criativa e atualizada.

Atualmente, a universidade passa a contribuir de maneira significativa por meio do desenvolvimento, não apenas de profissionais, mas de cidadãos preocupados com a pluralidade. Com isso, essa unidade de informação, necessita adaptar-se à realidade de sua comunidade interna e externa. Neste caso, segundo Araújo e Oliveira (2018),

a biblioteca universitária exerce um duplo papel como mediadora: a mediação constituída por meio das atividades gerais da biblioteca (serviços, produtos, gestão, fluxos e tecnologias da informação) que auxiliam e contribuem com o cotidiano acadêmico da comunidade de usuários; e a mediação institucional programática estabelecida por meio das práticas extensionistas que agregam e aproximam a Universidade da comunidade acadêmica e da sociedade em geral. (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2018, p. 157)

Percebe-se então, que a biblioteca universitária passa por um período de mudança bem como a universidade de uma maneira geral. A atenção tem se voltado cada vez mais aos sujeitos sociais, impelindo uma maior reflexão sobre assuntos que envolvem a qualidade de vida das pessoas e igualdade de direitos. Ainda de acordo com as autoras, há menos de um

século, o mundo vivenciava a importância da produção industrial em massa e, conseqüentemente, econômica. Entretanto, a sociedade atual vem prezando pela detenção da informação e estudos dos sujeitos sociais. Torna-se necessário, portanto, que a universidade acompanhe essa quebra de paradigma, dando importância não somente ao ensino e à pesquisa, mas também à extensão, pois será com ela que o conhecimento construído na universidade poderá ser desenvolvido na sociedade. Diante disso, acredita-se que a biblioteca universitária possui um papel significativo nesse processo, não somente na disponibilização de conhecimento, mas também como participante na formação do cidadão.

Entende-se, que, para o estudo e desenvolvimento de ações de extensão, a biblioteca universitária deve estar em sintonia com a própria essência e políticas da universidade. Dessa forma, além da contribuição dos bibliotecários, tem-se a parceria com a comunidade docente e discente.

De acordo com Leonidio (2017), As primeiras experiências com características verdadeiramente extensionistas em nosso país, iniciaram-se a partir das Universidades Populares, nas experiências precursoras desenvolvidas pela Universidade Popular da Universidade Livre de São Paulo, inaugurada em 1912, e pela Escola Superior de Agricultura e Veterinária, de Viçosa, em 1926. Porém, de acordo com esse autor,

a primeira referência oficial sobre a Extensão Universitária consta no Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931, denominado Estatuto de Organizações das Universidades Brasileiras – parte do conjunto de reformas propostas pelo recém-criado Ministério da Educação no contexto da revolução de 1930 do então Ministro Francisco Campos - que estabelecia, no Art. 42: “A extensão universitária será efetivada por meio de cursos e conferências de caráter educacional ou utilitário” (BRASIL, 1931). No parágrafo 1º deste mesmo artigo consta também que esses cursos, destinam-se à propagação de conhecimentos úteis à vida individual ou coletiva, à solução de problemas sociais ou à proliferação de ideias e princípios que salvaguardem os altos interesses da nacionalidade. (LEONIDIO, 2017, p. 47)

Em virtude disso, no que diz respeito à extensão universitária, seu marco histórico ocorreu em 1987 durante o primeiro Encontro de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras cuja extensão universitária propaga-se até hoje como um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a comunidade atendida.

Em uma biblioteca, a ação cultural se faz principalmente por causa do seu acervo - que oferecem não apenas livros, mas também itens como as partituras, CDs, DVDs, e como no presente estudo, os folhetos de cordel.

Os cordéis são instrumentos de comunicação que favorecem as práticas educativas ao propiciar o resgate de memórias, das tradições e do folclore. A Literatura de Cordel possibilita

que o leitor conheça a história, cultura e os costumes da sociedade, da região onde vive e das demais regiões do Brasil. Logo, projetos de extensão em Universidades públicas, que trabalhem com esse artefato cultural, podem funcionar como uma importante ferramenta para a socialização e preservação da cultura popular na contemporaneidade.

O projeto Leitura na Cordelteca da FFP tem como meta fazer com que a poesia de cordel se torne convivência no meio acadêmico e escolar. Para tanto, atua em duas principais vertentes. A primeira diz respeito à atividade *Folhetos andarilhos*, durante a qual folhetos da Cordelteca são levados para as escolas parceiras para serem apreciados durante as oficinas desenvolvidas pela equipe do projeto; a segunda vertente, refere-se ao evento anual *Folheto aberto: cordel em cena*, realizado na Faculdade de Formação de Professores da UERJ, em São Gonçalo.

Conforme afirma Luyten (2005), a Literatura de Cordel é uma das formas mais eficazes de comunicação popular. Pois além de informativa, ela é um importante agente na disseminação da cultura nordestina para os outros polos do Brasil. Dessa maneira, as atividades realizadas na Cordelteca buscam contribuir para a formação de agentes de leitura interessados em apoiar práticas comprometidas com a preservação das manifestações da poesia popular. Além disso, elas visam estimular a criatividade e o senso crítico dos participantes, desenvolvendo assim uma consciência crítica voltada para a importância das raízes culturais e para a avaliação da realidade nacional.

O evento *Folheto aberto: cordel em cena* é organizado por professores do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Os encontros anuais com a poesia de cordel busca utilizar práticas diversificadas de leitura e sessões de contação de histórias veiculadas pelos folhetos. O trabalho de leitura desenvolvido, atuando dentro do encaminhamento lúdico e intertextual que o próprio gênero cordel suscita, prevê a associação das narrativas dos folhetos com outras formas de expressão, como a declamação, o desafio, a dramatização, o teatro, a xilogravura e o cinema, dentre outras. As atividades são planejadas e realizadas pela coordenadora e a bolsista, com o propósito de propiciar aos participantes dos eventos sensações/emoções geradoras de prazer estético que estimulem a expansão da criatividade, bem como a ampliação do repertório de leitura e da competência analítica e crítica.

Através dos folhetos de cordel, os saberes e a cultura são difundidos com mais facilidade. Isso acontece porque os cordéis possuem estrutura simples e textos de fácil entendimento. Os escritos contidos nos folhetos tornam as atividades mais dinâmicas. O projeto investe na utilização de metodologias direcionadas à percepção do elo entre o texto

literário e a dimensão social, visando ao desenvolvimento de uma consciência crítica voltada para a importância das raízes culturais e para a avaliação da realidade em se vive. Por aí, acredita-se que, entre outros ganhos, são construídos instigantes caminhos de aproveitamento do potencial literário dessa forma de produção.

Antes de tudo, a fim de maior compreensão, é necessário abordar o conceito de "ação cultural". Segundo as autoras Silva e Santos (2014, p. 2), em seu artigo *Ação cultural em bibliotecas: conceitos e considerações*, a ação cultural é vista como:

o ponto de partida fundamental para a realização da criação de algo novo em seu espaço de cultura, sendo um novo olhar, ou um novo modo em se trabalhar às atividades propostas pela instituição e seus usuários e colaboradores. A ação cultural também pode gerar a transformação no processo educativo, possibilitando uma troca de informações para temas de interesse coletivo. (SILVA; SANTOS, 2014, p. 2)

Milanesi (2002, p. 95) diz que ações culturais são atividades desenvolvidas na biblioteca ou em outros espaços voltados para arte e entretenimento, podendo ser trabalhados de forma amadora ou profissional, e geralmente giram em torno de práticas ligadas às artes. Ainda para o autor, dentro da concepção de ação cultural, não é possível desenvolver uma atividade no campo da poesia sem que haja textos poéticos, biografias de poetas e história de literatura, e no caso do evento *Folheto aberto: cordel em cena*, é primordial a presença e leitura dos folhetos de cordéis para que a ação seja realizada de modo eficaz. O evento, em cada uma de suas edições, apresenta-se, seguindo uma tradição, como um fórum de discussão entre vários grupos sociais interessados em Literatura de Cordel, que congrega poetas de cordel, editores, ilustradores, xilógrafos, repentistas, livreiros, bibliotecários, professores, pesquisadores, pedagogos e estudantes.

Com isso, o projeto busca estimular o interesse pela valorização e promoção das manifestações populares e folclóricas. Ações como mesa redonda, roda de samba, hora do café, leitura e discussão sobre os cordéis, assim como encontros com poetas populares são realizadas durante os dias em que acontecem os eventos na Cordelteca. Nesse sentido, ancorada na visão de Flusser (1983) – que apresenta a ideia de que a ação cultural é voltada para a disponibilização, mediação e acesso a informação, a biblioteca da FFP/UERJ passaria de uma depositária de acervo cultural de Literatura de Cordel para um núcleo cultural vivo, passando a oferecer cultura por meio de uma dinâmica de ações culturais efetivas e diversas que fornecem diferentes enfoques da Literatura de Cordel, revelando sua riqueza.

A ação cultural do projeto na Cordelteca se dá a partir de três principais atividades, são elas: o estudo semanal de textos teóricos cujos pressupostos fundamentam o projeto; o

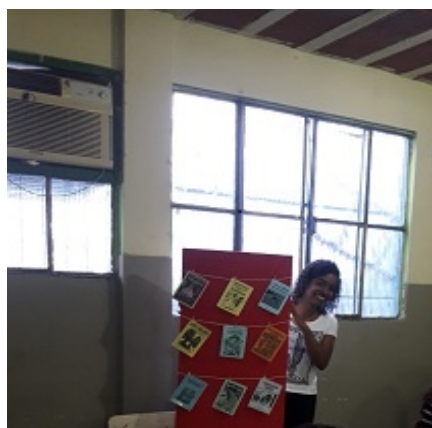
planejamento de estratégias de leitura, de minicursos, mostras de folhetos, encontros com autores e festivais de poesia popular, bem como a execução de atividades de organização da Cordelteca e de divulgação dos eventos e círculos de leitura a serem realizados regularmente; e por fim na realização de sessões de leituras compartilhadas, nas quais, entre outros aspectos, se visa ao resgate da tradição milenar de contar histórias. Ou seja, por meio de atividades como palestras, mesas-redondas, oficinas, declamações, desafios, cantorias, dramatizações e exposições, múltiplos canais de contato com a Literatura de Cordel são estabelecidos. Em alguns casos, é o início de contato com a Cordelteca, conhecendo assim o seu espaço e seu acervo. É criada a oportunidade do público conversar e conhecer um pouco mais alguns dos autores dos poemas que foram apresentados em atividades nas escolas do entorno.

As oficinas realizadas, tendo o folheto de cordel como fonte histórica, possibilitam o desenvolvimento de habilidades de leitura específicas e a fixação de conteúdos escolares.

O trabalho de leitura, nas escolas, ocorrido dentro desse encaminhamento, tem contribuído para a autonomia dos(as) alunos(as), enquanto leitores(as) críticos(as), bem como para uma formação profissional mais plural do licenciando(a) bolsista, contrária a visões redutoras acerca da literatura e da cultura. (PINTO; MONTEIRO; SILVA, 2021, p. 7)

Dessa forma, ao serem apresentados aos poemas no estilo do cordel, os discentes do ensino fundamental e do ensino médio têm um contato maior com a cultura popular e ampliam sua capacidade criativa e crítica relacionada à realidade onde vivem.

Figura 5 – Oficina de cordel realizada no Colégio Estadual Meoquiádes Picanço



Fonte: A autora, 2018.

Figura 6: Oficina de cordel realizada no Colégio Estadual Capitão Oswaldo Ornelas



Fonte: A autora, 2018.

O desenvolvimento de tais ações traz contribuições relevantes para a divulgação do acervo e para o avanço da aplicação pedagógica dessa literatura nas escolas. São exatamente tais contribuições que, unidas, dão sentido e peso ao projeto.

O evento “Folheto Aberto: o Cordel em Cena”, inserido no âmbito do projeto de extensão “Leituras na Cordelteca da FFP”, visa estimular o interesse de alunos, professores, pesquisadores, estudiosos e pessoas em geral pela valorização e promoção das manifestações populares e folclóricas. Nesse sentido, desenvolve ações diversas (apresentações, oficinas, exposições, declamações, entrevistas com poetas, entre outras) de incentivo e de divulgação de estudos e práticas pedagógicas e artísticas, que possam oferecer diferentes enfoques da Literatura de Cordel, revelando sua riqueza.

A 14ª edição do evento “Folheto Aberto: o Cordel em Cena”, realizado na cordelteca em 2018, contou com uma expressiva participação de professores e alunos das escolas gonçalenses. A professora Maria Isaura Rodrigues Pinto (FFP/UERJ), como de costume, fez a abertura do evento. Falou um pouco sobre o histórico da Cordelteca e enfatizou a importância desse acervo para o município de São Gonçalo. Neste dia aconteceu a apresentação do Grupo Samba na fonte, com a participação de um mestrando da PUC e ex-alunos da Faculdade de Formação de Professores da UERJ.

A Prof. Iza Quelhas (FFP/UERJ), apresentou um trabalho referente às funções de animais em contos, mitos e lendas de culturas africanas. A Prof. Maria Betânia Almeida Pereira (FFP/UERJ), abordou o resgate da poética popular em “Nuvens”, de Graciliano Ramos.

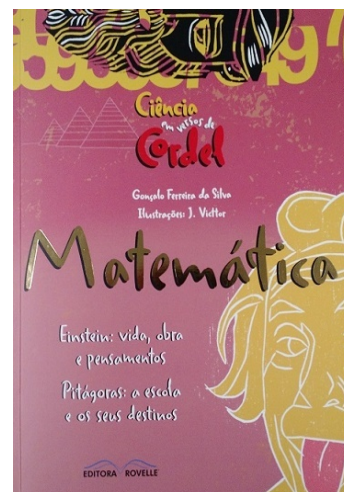
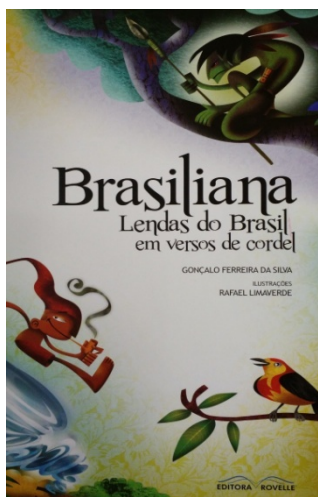
Professores e alunos do Colégio Estadual Coronel Francisco Lima fizeram sua apresentação abordando o tema África, sua cultura, costumes e tradições. Foi apresentado um painel com a diversidade de costumes africanos e uma bandeira, confeccionada pelos alunos, mostrando a integração da África com o mundo.

Finalizando o primeiro dia do evento, o professor da área de Língua Inglesa da Rede Estadual, André de Oliveira Rodrigues Cabral, abordou o tema: folheto de cordel transcendendo fronteiras de linguagem.

No segundo dia do evento a Prof. Maria Isaura Apresentou um trabalho com os seus bolsistas do projeto de extensão: Cordel, mito e lenda: a literatura oral como foco em sala de aula.

Tivemos o prazer de receber o presidente da Academia Brasileira de literatura de Cordel (ABLC), o poeta Gonçalo Ferreira da Silva. Ele fez uma apresentação, recitou poemas e apresentou a coleção Ciência em versos de Cordel, escrita por ele, lançada pela editora Rovel. São livros com temas variados em versos de cordel: Naturalismo, Imprensa, Mecânica, Astronomia, Filosofia, Matemática, entre outros. Essa coleção inclui biografias de grandes personalidades de reconhecimento mundial que se destacaram no decorrer da história da humanidade. Por meio de rimas bem construídas, o público leitor pode conhecer um pouco mais da vida de Johan Gutemberg (aborda o mundo das ideias e das lutas do tipógrafo, fala da evolução do papel ao longo dos séculos, cita a invenção do computador, mostrando como estes três elementos revolucionaram a escrita, melhoraram a vida e influenciaram o destino da humanidade). Nessa coleção, podemos encontrar também a biografia de Tales de Mileto, Albert Einstein, Pitágoras, Aristóteles, Platão, dentre outros.

Figura 7: Obras da coleção Ciência em versos de cordel



Fonte: A autora, 2019.

No final do evento ocorreu uma visita à Cordelteca, onde os participantes puderam ter contato com os folhetos de Cordel e a oportunidade de conversar com alguns de seus autores.

Ainda em 2018 foram feitas oficinas levando os folhetos de cordel para as escolas públicas Oswaldo Ornellas e Meoquiades Picanço. Foi feita também uma oficina na UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), Campus Nova Iguaçu. Em 2019 mais escolas foram atendidas e o projeto se expandiu para outros lugares como a oficina feita no abrigo Cristo Redentor, levando cultura e poesia para os idosos que vivem nessa instituição.

No dia 27 de novembro de 2018, o projeto de extensão *Leitura na Cordelteca da FFP* ganhou o X Prêmio de Extensão Prof.^a Maria Theresinha do Prado Valladares, promovido pelo Departamento de Extensão da SubReitoria de Extensão e Cultura (Depext/SR-3) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atendendo às normas do edital, puderam se inscrever no concurso bolsistas de projetos que tivessem recebido três (3) conceitos Excelente na UERJ Sem Muros/2018, Relatório/2018 e Plano de Trabalho/2019.

Para os próximos anos, busca-se aumentar o número de oficinas realizadas nas escolas e dar continuidade ao tratamento técnico de todos os 2023 folhetos existentes na Cordelteca da FFP.

2.2. Cordelistas locais na produção e divulgação da Literatura de Cordel: vida e obra de Zé Salvador

Em muitos lugares nos deparamos com uma realidade não muito plausível de que grande parte dos alunos não conhece a história de sua comunidade e de seu município, prendendo-se apenas a História nacional desvinculada da sua realidade local e de seu contexto histórico local. Esse problema causa o desinteresse dos alunos pela História e por outras disciplinas que eles não consideram importantes justamente pelo fato desses alunos não se sentirem inseridos no processo histórico a qual essa História se constrói.

Em São Gonçalo, município com mais de um milhão de habitantes⁶, essa realidade é ainda mais complicada, uma vez que boa parte da população desse município é oriunda de outras regiões do Brasil, onde a migração é constante entre cidades vizinhas. Isso se reflete em sala de aula onde a maioria dos alunos desconhece suas origens e as origens da região que hoje habitam.

Quando encontramos poetas locais que escrevem e divulgam a literatura de cordel em nosso Estado, nos sentimos representados naquela que é uma das mais importantes manifestações culturais de nosso país. Assim, de acordo com o entendimento de Santos (2018),

percebo no cordel uma ferramenta útil na busca por uma proposta de ensino de história que contemple a regionalidade e a cultura local, objetivando fazer com que alunos e a comunidade escolar envolvida sintam-se parte da construção do conhecimento histórico (SANTOS, 2018, p. 12)

Assim como na idade média, o cordel vem retratar o contexto social o qual a população estava inserida, reproduzindo através de suas rimas as histórias, os fatos ou até mesmo os desejos de um povo muitas vezes afastado das principais decisões políticas que os afetava diretamente.

O cordelista Zé Salvador é um exemplo de poeta que enaltece a cidade de São Gonçalo. Ele é cearense de Tianguá, Serra da Ibiapaba e mora em São Gonçalo há 43 anos. É aposentado do comércio, poeta trovador, cordelista, sonetista, contista. Figura em cerca de 55 antologias literárias; tem um livro de sonetos (*Vai um soneto aí?* Ed. Letras e Versos, 2016) e 76 cordéis publicados. Faz apresentações em colégios e ministra oficinas de cordel. É membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Ocupa a cadeira nº 40, antes ocupada pelo poeta Cearense Arievaldo Viana – que tem como patrono o poeta João Melquíades Ferreira. Membro da Academia Gonçalense de Letras Artes e Ciências, AGLAC. Ocupa a cadeira nº

⁶ IBGE (completar dados)

23, que tem como patrono o escritor Machado de Assis. Ao escrever o folheto *O cordel é brasileiro, sim senhor*, Zé Salvador já faz referência à cidade gonçalense:

Sendo o cordel incansável,
Nesta sua itinerância,
Foi visitar São Gonçalo,
Pois não é longe a distância,
E mostrou praquele povo
Um modo de cantar novo,
Com sua predominância.
(SALVADOR, 2020, p. 18)

No decorrer de sua trajetória, escreveu vários cordéis abordando temas da história local como *As duas faces do sol contam as horas em São Gonçalo*; *Grande prêmio de Neves, o automobilismo em São Gonçalo*; *Ilha de Itaoca, uma história de cinema em São Gonçalo*; *Ilha do Sol, Luz del Fuego e o naturalismo em São Gonçalo*; *Palacete do Mimi, no Boqueirão Pequeno*; *Reminiscências Gonçalense da Fazenda Colubandê*.

Quando lemos o folheto de sua autoria “*Grande prêmio de Neves, o automobilismo em São Gonçalo*”, temos a oportunidade de conhecer um pouco mais daquele que foi um dos maiores eventos da cidade, a segunda corrida automobilística realizada no Brasil (set/1909).

[...] Mas a segunda corrida
Em São Gonçalo s deu,
Mil novecentos e nove
- e a todos surpreendeu –
Dezenove de setembro
Em Neves aconteceu

Para poder assistir
Aquele acontecimento,
Sendo no início do século,
Era pouco o movimento
De automóveis nas ruas;
Meia dúzia era um evento!

A corrida fabulosa,
Mostrando velocidades
Pra época máquinas potentes
Com grandes disparidades
Atraiu pessoas comuns
E também autoridades.

O governador do Estado
Teve presença marcante,
E Visconde de Moraes
Figura predominante.
Deu nome a uma das taças,
O lauro, que é importante.

O povo foi ao delírio
Numa aclamação geral;
Varando as ruas de Neves
Coisa nunca vista igual;
Uma euforia tão grande
Sóvista no carnaval (ZÉ SALVADOR, 2019, p. 5-14)

Dessa forma, o cordelista relata de forma simples e lúdica, um evento esportivo de grande notoriedade ocorrido em solo gonçalense. A lição em versos, busca manter viva uma rica página da história do município de São Gonçalo para que os alunos a conheçam melhor e, conhecendo, aprendam a valorizar as suas raízes.

Foi com grande satisfação que a Cordelteca Gonçalo Ferreira da Silva, recebeu a doação das obras desse destacado cordelista. A cordelteca abriga um acervo variado de cordéis, e, agora, após a oferta do poeta, está ainda mais enriquecida.

Figura 8: Visita do poeta Zé Salvador à Cordelteca

Fonte: A autora, 2018.

Ao longo dos anos, a Universidade tem colaborado para a construção de políticas públicas por meio de projetos destinados a melhorar as condições de vida da população fluminense. Ao mesmo tempo, a extensão proporciona a troca de saber e de experiências entre a comunidade acadêmica, o público externo: sociedade civil e poder público.

Ter uma Cordelteca em uma Biblioteca universitária voltada para a formação de professores pode representar um passo extremamente valioso para o devido reconhecimento e resgate desse tipo de literatura e dar à nova geração a oportunidade de apreciar a riqueza e expressividade da nossa cultura. Significa observar o contato do passado, da memória do saber tradicional, do conto poético numa linguagem ao mesmo tempo simplória e bela, de fácil compreensão e de uma engenhosidade singular observada na construção dos versos e

rimas. Demonstrar preocupação na manutenção do saber é assumir e incorporar a sua rotina o contato com as manifestações que o povo cultiva, que apresentam significância e um visível potencial pedagógico.

3. CIRCUITO NOSSA HISTÓRIA EM CORDEL

A abordagem do cordel como fonte histórica, artefato cultural que traz consigo o registro de memórias, apresenta-se como uma proposta de interpretação do passado e construção de sentidos por meio de uma narrativa histórica. A partir de suas representações e interpretações do mundo social e dos sujeitos históricos nele contidos, veiculadas por suportes orais ou escritos, as narrativas dos textos cordelísticos trazem memórias contadas e recontadas que estão presentes na vida da sociedade no âmbito cultural, social, artístico etc. Nesse entendimento, as afirmações acima vão ao encontro dos estudos de Marinho e Pinheiro

(2012, p. 126), quando dizem que qualquer sugestão metodológica no campo do trabalho com a literatura de cordel pressupõe certo envolvimento afetivo com a cultura popular, de modo que possa haver uma interação entre o texto e o leitor, onde aquele que lê, ao mesmo tempo que percorre entre aquelas palavras rimadas, consegue, por exemplo, ver sua realidade representada.

Logo, podemos entender, que além de ser atrativo em virtude de seu conteúdo, gravuras e musicalidade, o folheto de cordel desperta o interesse pela leitura e interpretação por meio da aproximação e interação do leitor com as suas vivências. Portanto, nessa perspectiva, pode ser visto como um bom recurso de apoio ao ensino – no caso deste trabalho, como ferramenta de apoio ao ensino da disciplina História, visando demonstrar que há também uma história construída a partir das experiências das massas populares por meio de sua atuação enquanto sujeitos históricos. A Literatura de cordel contempla as diversas realidades que constituem a formação da história de um povo, oportunizando voz aos diferentes agentes históricos

Neste capítulo, será enfatizada a importância do uso do cordel em sala de aula, visto que inserido no meio escolar, possibilitará ao leitor conhecer as especificidades de determinados grupos sociais. Através da leitura desse gênero, o aluno terá contato com experiências de pessoas simples mas com vivências e percepções profundas sobre a condição humana, social e política de determinadas épocas.

O surgimento dessa proposta se deu mediante a uma sucessão de fatores que se relacionam desde meu primeiro contato com o acervo de folhetos na biblioteca onde trabalho até a minha participação como colaboradora no projeto de extensão Leitura na Cordelteca da FFP.

Apesar de não ser professora, ao participar das oficinas nas escolas, pude observar as diferentes experiências de um professor ao estar em sala de aula. A busca pela atenção dos alunos e o engajamento da turma me pareceram tarefas desafiadoras. A coordenadora do projeto, juntamente com seus bolsistas, sempre procuraram diferentes formas de apresentar a Literatura de Cordel, de maneira que pudessem gerar uma maior interação, buscando assim uma participação significativa dos alunos nas discussões levantadas em sala de aula, mas é fato que, como toda ação humana, a sala de aula nem sempre sugere ser um ambiente motivador, seja por questões externas ao ambiente escolar ou mesmo questões que envolvam a própria escola.

Com base nas pesquisas realizadas pela historiadora Maria Ângela de Faria Grillo⁷, proponho uma atividade à ser desenvolvida com os folhetos de cordel, no espaço da Cordelteca, como apoio ao ensino da História escolar. O personagem escolhido foi o ex-presidente Getúlio Vargas, personalidade histórica muito comentada na Literatura de cordel, e o folheto a ser trabalhado será *Getúlio Vargas: eterno no coração do povo brasileiro*. É importante frizar que o ensino de História utilizando o cordel como fonte deve acontecer por meio de seleção, leitura, compreensão e interpretação da narrativa desses folhetos. Essas são ações consideradas fundamentais nesse processo, pois será observado nelas a maneira como a consciência de uma parcela da população nordestina é expressa em determinado período histórico e político. Nesse sentido Grillo (2003, p.121) enfatiza que “o folheto deve ser introduzido a partir de um determinado tema do conteúdo programático”. Dessa forma, depois de apresentado um assunto em sala de aula, o folheto deve auxiliar a problematização do conteúdo, mostrando uma outra perspectiva, do tema estudado.

Ao analisarmos as competências específicas de ciências humanas para o ensino fundamental, encontradas na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), temos as seguintes proposições:

Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.

Analisar o mundo social, cultural e digital e o meio técnico-científico-informacional com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, considerando suas variações de significado no tempo e no espaço, para intervir em situações do cotidiano e se posicionar diante de problemas do mundo contemporâneo.

Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social.

Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL. BNCC, 2018, p. 357)

⁷Doutora em História, pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e École des Hautes Études em Sciences Sociales (EHHSS), em 2005. Integra o corpo docente dos Cursos de Licenciatura e do Curso de Mestrado em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Social e Cultural e Ensino de História com publicações no Brasil, em Portugal e na Inglaterra, trabalhando principalmente com os seguintes temas: ensino de história, história das mulheres, história social, história cultural e patrimônio.

Buscando atender ao desenvolvimento dessas competências, Grillo (2013) sugere alguns caminhos para o estudo da História através da Literatura de cordel. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 1: Estudo da História por meio da Literatura de cordel

Relação com um tema da História	Apresentação do autor	Apresentação da narrativa	Personagens principais e secundários
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Como é tratado esse tema? ➤ Quais são os pontos que se aproximam e quais pontos que se distanciam do livro didático? 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ narrador, testemunha ou personagem da história? ➤ É possível identificar sua origem regional e social? 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Como forma de uma reportagem? ➤ Apresenta-se como um ensinamento, um aconselhamento, um protesto ou uma contestação? 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Trata-se de personagens com traços positivos ou negativos? ➤ heróis ambivalentes ou são feitas caricaturas desses heróis?
Valores passados, pelo autor, através do texto		Recursos usados Pelo autor	
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Uma visão maniqueísta? ➤ Uma preocupação com a moral? ➤ Uma justificativa? ➤ Uma aplicação da justiça? 		<ul style="list-style-type: none"> ➤ Uma peleja? ➤ Um diálogo com o céu ou com o inferno? ➤ Ou apenas uma narrativa de acontecimentos? 	

Fonte: Grillo, Maria Angela Faria. A literatura de cordel na sala de aula. In: Abreu, Martha; Soihé, Rachel. *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologias*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

Seguindo as orientações do quadro apresentado, ao trabalhar com os folhetos, o mediador ou professor(a) deve fazer as devidas intervenções, apresentando o poeta, o acontecimento que está sendo narrado e o contexto em que foi criado, ou seja, é sua função didática contextualizar a obra, o autor e o momento no qual a narrativa foi feita.

É importante mencionar que, tratando-se de um folheto popular, o poeta tem origem nas mesmas camadas da população para quem deseja falar. Ele é uma espécie de porta voz dos acontecimentos da vida. Nesse sentido, as atividades a serem realizadas no *Circuito Cultural Nossa História em Cordel* visa apresentar essa fonte histórica, descortinar suas narrativas e verificar de que forma elas trazem representações do passado. Não se espera tornar a narrativa do cordel uma narrativa historiográfica, mas mostrar aos alunos que outras narrativas, que não apenas aquela escrita pelo historiador profissional, produzem sentido histórico, ou seja, orientam no tempo e auxiliam a formação de identidade. É função do professor de História diferenciá-las para que os alunos iniciem um processo de analisar criticamente aquilo que leem.

Reafirmo que esse estudo não tem a pretensão de se desenvolver como uma solução que irá propor mudanças radicais no âmbito do ensino da História escolar, mas sim o objetivo de propor uma abordagem de ensino que possibilite experiências estéticas, artísticas e principalmente suscitar uma abertura dinâmica, fundamentada na edificação de novas possibilidades de práticas que seduzam, que conquistem, e ao mesmo tempo, apresentem aos professores uma forma de ensinar História que reconheça a produção cultural popular como documento para se conhecer e produzir conhecimento histórico. Uma atividade que leve o aluno a se aproximar mais do espaço escolar, que possa fazer com que ele atue como protagonista e sua fala encontre destaque, sendo ouvido, sendo participante ativo e até autônomo no processo de ensino aprendizagem.

Sabemos que a biblioteca universitária apresenta produtos e serviços voltados ao atendimento da comunidade acadêmica. Além do papel de disseminadora da informação e suporte aos programas de ensino, pesquisa e extensão, essa unidade de informação necessita desenvolver um papel cultural por meio de ações. Essas ações culturais, realizadas junto aos usuários da biblioteca, devem estar inseridas no planejamento de seus serviços. Assim, de acordo com Sanches e Rio (2010),

O bibliotecário, entendido como mediador, é o profissional que se utiliza de ferramentas existentes para manejar a informação de forma a interfacear a relação usuário/informação, propiciando novos espaços formadores de subjetividades capazes de objetivar o mundo e as relações que o envolve, de maneira a serem críticos e transformadores de suas realidades. (SANCHES; RIO, 2010, p. 118)

Nesse sentido, o bibliotecário pode realizar inúmeras atividades, envolvendo assuntos diversos, aliando a busca pelo conhecimento, pelas pesquisas, divulgando o acervo da biblioteca, orientando e ajudando no processo de constituição de identidades.

A partir das ponderações desenvolvidas desde o início desse estudo, enquanto pesquisadora iniciante e bibliotecária, acredito que essa ação cultural na cordelteca da FFP, irá construir, de forma dialógica, uma abordagem teórico-metodológica para o ensino a partir da associação das memórias e narrativas encontradas nos cordéis. Assim, utilizar o cordel para complementar os conteúdos escolares surgiu para mim como uma oportunidade não só de interagir melhor com os usuários, conseguindo uma participação maior dos mesmos nas discussões levantadas a partir dos assuntos da área de história, mas também aperfeiçoar o meu trabalho na dinamização do acervo.

O *Circuito Cultural Nossa História em Cordel*, pretende trabalhar os folhetos com temas históricos no ambiente da Cordelteca. O evento deverá acontecer no período de duas semanas, geralmente no primeiro mês após o início das aulas semestrais, mais precisamente nas duas primeiras semanas de abril e setembro. O público alvo serão alunos do nono ano do ensino fundamental. Com agendamento prévio feito por professores da rede pública e privada do município de São Gonçalo, o que já acontece, usualmente, com vistas à visita guiada na Biblioteca, cada turma participará de uma oficina na parte da manhã com duração de 3 horas.

O planejamento da oficina será apresentado anteriormente ao professor(a) para que o mesmo tenha conhecimento e sinalize os principais pontos a serem abordados. A intenção é dar apoio a esse regente da turma com o intuito de obter maior fixação dos conteúdos escolares dados em sala de aula.

No decorrer da pesquisa, sentiu-se a necessidade de elaborar um plano de ação, instrumento de trabalho dinâmico, ressaltando as principais ações e objetivos a serem alcançados. O plano de ação à seguir, com enfoque no tema escolhido, irá nortear as atividades que serão realizadas.

Figura 9: Plano de ação Getúlio Vargas em Cordel

<i>Circuito Nossa História em Cordel</i>	
Local	Cordelteca na FFP
Público-alvo	Alunos do 9º ano do ensino fundamental
Tema	História do Brasil: Era Vargas
Folheto de cordel	Getúlio Vargas: eterno no coração do povo brasileiro

Tempo estimado	3 horas
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Interpretar historicamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura; • Refletir sobre o contexto sócio político no período de 1930 a 1945; • Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.
Conceitos que podem ser trabalhados (professor decide qual será o recorte)	<ul style="list-style-type: none"> • Populismo • Política trabalhista • Revolução constitucionalista • Cidadania • Democracia
Recursos didáticos	<ul style="list-style-type: none"> • Folheto de Cordel; • Datashow; • Notebook; • folha ofício; • cartolina; • canetas.
Desenvolvimento da atividade	<ul style="list-style-type: none"> • abordagem sobre o Cordel: conceito, origem e evolução • leitura oral do folheto a ser trabalhado; • apresentação de seu autor, contexto em que foi escrito; • rápida explanação sobre a Era Vargas com apresentação dos principais conceitos históricos referentes ao tema; • divisão da turma em grupos; • uso de uma cartolina para colocar os principais pontos discutidos e sua relação com o contexto sócio-político atual; • Leitura e exposição do que foi apreendido.
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • A turma será dividida em grupos e os alunos deverão escrever em cartolinas, fazer desenhos, recorte/colagem ou qualquer outra expressão, sobre os conceitos, conteúdos trabalhados.

Já com o plano de ação elaborado, daremos continuidade à organização do circuito cultural e ao trabalho com os folhetos de cordel.

3.1. O evento na prática

Inicialmente, após fazer uma breve visita guiada por essa unidade de informação, os alunos serão direcionados ao espaço da Cordelteca, onde será realizado o evento. O circuito cultural terá seu início com a apresentação da bibliotecária e os bolsistas que fazem parte do projeto de extensão.

Nesse momento, o acervo de cordéis será apresentado e alguns levantamentos serão feitos com o intuito de saber qual o entendimento daquele público com o artefato cultural que será trabalhado. O que eles sabem sobre os folhetos de cordel? Qual sua origem? Quem costuma escrevê-los? Buscaremos entender o que os alunos já sabem sobre o objeto a ser investigado, o conhecimento que eles trazem de casa, adquiriram na comunidade e nos meios de comunicação. Esse conhecimento prévio será o ponto de partida para o processo de ensino-aprendizagem.

Nossa primeira proposta é que se faça uma leitura compartilhada do folheto de cordel a ser trabalhado. O folheto *Getúlio Vargas: eterno no coração do povo brasileiro*, foi escrito pelo cordelista Gonçalo Ferreira da Silva, em 1987, portanto, 50 anos após o Estado Novo. O mediador/ educador deve estar atento às reações dos alunos diante da leitura. Logo em seguida, os alunos devem ser incentivados a se pronunciar sobre o texto que acabaram de ouvir. Nessa parte será possível interagir com eles e fazer aproximações dos mesmos com suas vivências. Depois poderemos apresentar a origem desse artefato cultural, mostrando suas características. Serão feitas as devidas intervenções sobre o conceito de cultura popular, a historicidade do cordel, elementos tipográficos (métrica, rima, xilogravura, etc.) e sobre o tema abordado.

Depois da leitura compartilhada do folheto, deverá ser feita uma contextualização sobre a Era Vargas com apresentação dos principais conceitos históricos referentes ao tema. A bibliotecária mediadora deve chamar atenção dos alunos para a temática social, a questão do populismo, política trabalhista, cidadania e democracia.

Com essa atividade poderemos levar os alunos a:

- 1- Conhecer a literatura de cordel;
- 2- Relacionar o cordel à cultura regional e local;
- 3- Valorizar a cultura popular e sua contribuição para a construção de identidades;

4- Reconhecer no cordel trabalhado uma narrativa histórica.

Sendo o cordel uma fonte documental para o ensino de história, pode-se fazer as devidas intervenções a respeito do objeto, relacionando às respostas dos alunos. Confirmando hipóteses e desmistificando preconceitos que por ventura tenham surgido ao longo da coleta das ideias prévias.

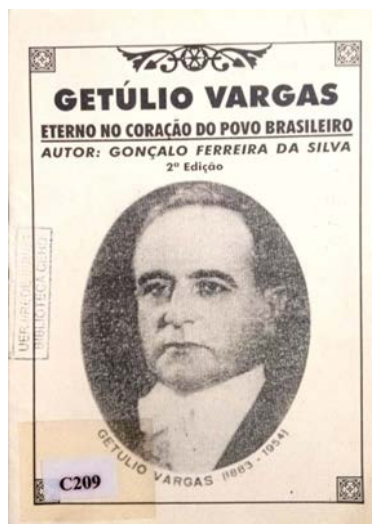
Aproveita-se a oportunidade para analisar os diferentes pontos de vista que existem quando se trata do conhecimento histórico com a finalidade de identificar que a História posta nos livros foi escrita por alguém, mas que por detrás dessa versão exposta existem outras Histórias de sujeitos que produziram vestígios, mas foram silenciados. Com isso, a atividade proposta auxilia o professor(a) em seu trabalho prático acerca da multiplicidades de fatores explicativos que caracteriza a produção do conhecimento histórico. Aos poucos, os alunos vão se apropriando de características que diferenciam a narrativa historiográfica ou histórico-escolar de outras narrativas históricas.

Dessa forma, os alunos terão mais prazer em aprender e os conteúdos escolares farão sentido para os mesmos e o professor(a) e, no caso, o mediador bibliotecário estará trabalhando de forma transdisciplinar, relacionando conhecimentos que fazem parte da História em suas aulas ou oficinas, tornando-as mais atrativas e significativas para a vida do aluno.

3.2 O folheto Getúlio Vargas: eterno no coração do povo brasileiro

O folheto a ser trabalhado nesse circuito cultural tem a autoria de Gonçalo Ferreira da Silva, patrono da Cordelteca, e foi escolhido por ter um caráter biográfico e ser carregado do sentido que Getúlio Vargas tinha para com a parcela da população pobre brasileira que viveu nas décadas de 1940 e 1950. Escrito em homenagem ao centenário de seu nascimento, o folheto discorre sobre os principais momentos que marcaram a trajetória do referido presidente.

Figura 10: Folheto utilizado no Circuito Cultural



Fonte: SILVA, 1987.

Getúlio Vargas ficou conhecido como “pai dos pobres” por promover leis trabalhistas e por seu carisma com a população durante o período do Estado Novo. O DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), aparelho de publicidade da Era Vargas, referia-se à ele como um grande benfeitor, implantando na população brasileira o 'culto à personalidade' do presidente. Esse personagem histórico é construído da seguinte forma pelo folheto selecionado:

Feliz daquele que pode
Tranquilamente dizer:
- Quando chegar minha hora
Terei prazer em morrer
Pois cumpro honradamente
O meu humano dever.

A dezenove de abril
De oitenta e três (1883) se deu
Um fato extraordinário
Que registro mereceu
Porque o grande estadista
Getúlio Vargas nasceu

Sessenta e quatro nos trouxe
Além da revolução
Muitas palavras do tipo:
Redemocratização,
Inelegibilidade,
Desburocratização...

Seu pai era o General
Manuel do Nascimento
A mãe Cândida Dorneles
E o acontecimento
Deu-se na velha São Borja
Tudo correndo a contento

Mas quem é o presidente
Da nossa grande nação?
Um desprovido de luz,
Um baldo de inspiração,
Um oco de sentimentos,
Um garrinchístico João.

Não é preciso lembrar
Que o fato aí registrado
Aconteceu certamente
No outro século passado
O leitor sabe, por mais
Que seja desavisado

Mas enquanto Figueiredo
Nu de nobreza e de amor
Continua o seu trabalho
“redemocratizador”
Vamos falar de um vulto
De comprovado valor.

Sentindo o quanto é efêmera
Esta vida transitória
Getúlio escreveu a frase
Que o povo tem na memória:
“Amigos, saio da vida
Para entrar na história”.

E mostrando uma grandeza
Espiritual sem par
Respondeu às injustiças
Antes de suicidar
“A não ser meu próprio sangue
Nada mais vos posso dar”.

Em novecentos e sete
Se diplomou afinal
Foi promotor, instalou-se
Distante da capital
Exercendo a profissão
Na sua terra natal.

O seu caminho político
Só se fez iniciado
Em novecentos e nove
Sendo eleito deputado.
Não quis o cargo de chefe
De polícia de Estado.

Em dezessete Getúlio
Novamente foi eleito
Para Assembléia do Estado
Em razão do novo pleito
Seu nome já desfrutava
De grande e justo respeito.

Em vinte e três, combatendo
Alguns grupos desordeiros
Já conhecido nos meios
Políticos brasileiros
Comandou as forças do
Senhor Borges de Medeiros.

Nesse ano foi eleito
Deputado federal
Em vinte e seis recebeu
Da mão presidencial
De Washington Luís
Cargo muito especial

Este poema pretende
Despretensiosamente
No ano do centenário
Do nascimento, somente
Prestar justa homenagem
Ao famoso presidente.

Quando a questão brasileira
Com a Bolívia surgia
Envolvendo o Acre, o nosso
Getúlio já pertencia
Ao grande vigésimo quinto
Batalhão de Infantaria.

Quando desligou-se do
Exército, com pouca idade
Querendo estudar direito,
Com certa facilidade,
Matriculou-se em Porto
Alegre, na faculdade.

A dez de novembro de
Trinta e sete promulgou
Nova constituição
Como governo ficou
E até quarenta e cinco
Ele o país governou.

nas eleições de dezembro
do mesmo ano citado
foi eleito senador
pr São Paulo e seu Estado
por estes e por mais cinco
foi eleito deputado

Nas eleições de cinquenta
o nosso grande estadista
como grande candidato
do Partido Trabalhista
foi eleito presidente
Numa visão realista.

E quase quatro milhões
De votos de eleitorado
Ele conquistou mostrando
Ser por todos estimado
A 31 de janeiro
Do outro ano empossado.

Poderia se afirmar
Com pouca margem de engano:
Getúlio além de ter sido
Honrado, justo e humano
Fundou o próprio Brasil
Como país soberano.

De ministro da fazenda Cargo que veio a deixar Aliança Liberal O fez se candidatar Ao cargo de presidente Que viria ocupar.	E escreveu frases na Sua carta testamento Que despertam ainda hoje Nosso humano sentimento Perenemente gravadas No mais nobre pensamento
A revolução de trinta É-me difícil esquecer No dia 3 de novembro Levou Getúlio ao poder. Nova constituição Veio o Brasil conhecer.	Com grande serenidade Getúlio escreveu também com soberba inspiração: “Mas esse povo de quem fui escravo não será Mais escravo de ninguém”.
Promulgada em trinta e quatro Nova constituição Foi eleito presidente Da nossa grande nação Um país carente de Humana legislação.	cada gota do meu sangue é uma chama imortal que sempre os animará na vida material enquanto eu espero todos Na vida espiritual.
A vinte e quatro de agosto No aposento encerrado Getúlio Vargas deixou Da sua morte o legado Enquanto o Brasil inteiro Chorava emocionado.	Assim em cinqüenta e quatro A vinte e quatro de agosto Chorava o povo sua morte Com infinito desgosto Ele se vendo humilhado Não aceitou ser deposto
Hoje o proletariado humilhado e inseguro sente obscuro o presente e o porvir obscuro e sem qualquer otimismo em relação ao futuro. (SILVA, 1987, p. 1-8)	

Sabemos que a “Era Vargas” compreende um dos períodos mais decisivos da nossa história. A industrialização e urbanização, o controle dos trabalhadores e sindicatos e a criação das leis trabalhistas são mudanças que, certamente, transformaram o cenário histórico do país. O Brasil deixa de ser um país agrário para se tornar um país industrial. Esses acontecimentos políticos, econômicos e sociais foram a inspiração para que muitos poetas registrassem nos versos de cordel as transformações que a nação vivenciou. De acordo com Curran (2009),

O cenário político nacional estava dominado por figuras importantes – Getúlio Vargas à frente. Na crônica cordeliana ele simbolizou pela primeira vez a vitória dos pobres, historicamente dominados pela classe alta, tanto na extinta era da escravidão quanto no governo oligárquico, que continuara a submeter a classe pobre rural. (CURRAN, 2009, p. 112)

Ainda de acordo com esse autor, a Revolução de 1930 deu origem a forças nacionais que diminuíram o poder tradicional da aristocracia e da oligarquia, por meio da centralização política e de um plano de industrialização. O governo Vargas organizou o sistema de leis trabalhistas e as instituições sociais e econômicas que, teoricamente, proporcionaria à classe trabalhadora uma rede de proteção inédita na história do país. O crescimento de sua fama popular, em grande parte por intermédio do cordel, não se explica apenas pelas ações de seu governo. Getúlio era o líder carismático, “o pai ou o avô que cuidava do povo” (CURRAN, 2009, p. 112). Ele levou ao ápice esse papel quando, em 1954, como oferta do próprio sangue, se suicidou. Na narrativa cordelística, Getúlio Vargas representa o carisma e o personalismo do presidente na história brasileira.

Nascido em 19 de abril de 1882, na cidade de São Borja, no Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas teve sua vida e sua trajetória política detalhada nos versos dos poetas populares. O gesto trágico de seu suicídio, em 24 de agosto de 1954, em especial, forneceu material abundante para os versos do cordel. A presença de Vargas atingiu tal dimensão que foram impressos e vendidos cerca de 2 milhões de folhetos sobre sua morte, num total de 60 títulos. As opiniões sobre as ações de Getúlio na área trabalhista são as mais variadas possíveis. Existem aqueles que relembram suas ações pela criação da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) em 1943, pela criação da carteira de trabalho, pelas férias remuneradas etc. No entanto, há os que destacam que todas essas ações respondiam em verdade a apelos, mobilizações, greves, enfim, a uma intensa atividade dos trabalhadores em busca de seus direitos. De acordo com Cabral,

Em se tratando da Era Vargas e seu legado, são indiscutíveis na historiografia política brasileira, a sua importância quando se reporta aos anos em que este esteve no poder. Getúlio Vargas é tido como o político que, durante o século XX, mais profundamente marcou as mudanças no país, se mantendo presente na memória popular por muitos anos, mesmo após sua morte. (CABRAL, 2008, p.92)

O interesse que os poetas tinham em escrever sobre Vargas está associado ao papel jornalístico que esses folhetos tinham ao trazer as informações em uma linguagem simples e versificada, direcionada a um público de pouca escolaridade. Era ressaltado assim a função do folheto de informar, documentar, instruir e divertir o público. De acordo com Matos (2004),

Os poetas inseridos também nesse contexto das ações do presidente escreviam suas poesias porque elas tinham uma boa receptividade entre o público consumidor. O nome de Getúlio estampado na capa dos folhetos representava certeza de lucro e

quando esses poetas caíam no gosto popular viravam verdadeiros ídolos da massa. (MATOS, 2004, p. 77)

Passemos para a análise do folheto. Adaptando a proposta da historiadora Grillo (2003) ao nosso Circuito, a abordagem poderá ser realizada da seguinte forma:

Quadro 2: Análise do folheto

Folheto de Cordel	<i>Getúlio Vargas: eterno no coração do povo brasileiro</i>
Relação com um tema da História	Era Vargas (1930-1945). No cordel encontramos a exaltação dessa personagem histórica. Esse sentido carismático também é abordado pela historiografia e pelos manuais didáticos que relatam a maneira como a população reverenciava esse presidente. Entretanto, esses últimos materiais apresentam também as características autoritárias e repressivas de seu governo. A problematização dessas diferentes formas de apresentar o personagem deve ser uma das preocupações do professor e do mediador da Oficina.
Apresentação do autor	Nome: Gonçalo Ferreira da Silva Cearense, formado em Letras, presidente da ABLC. Reside atualmente no Rio de Janeiro. Um intelectual que resgata os sentidos populares em relação ao personagem Getúlio Vargas. Ele contribui com sua escrita a possibilidade de trabalhar a desconstrução de dicotomias naturalizadas, como bom e mau político. Trabalhando as relações de poder que constroem a ordem política e diferenciam grupos e interesses no passado e presente.
Apresentação da narrativa	Apresenta-se em forma de poesia. Uma narrativa escrita de forma linear e poética com o intuito de dar uma orientação.
Personagens principais e secundários	Getúlio Vargas, 1882-1954.
Valores passados, pelo autor, através do texto	Constrói a ideia de um homem salvador da pátria, “pai dos pobres”. Um líder capaz de decidir o que é melhor para o povo.
* recursos usados pelo autor	Narrativa de acontecimentos. Apresenta adjetivos, juízo de valor

Fonte: A autora, 2021

3.2 Narrativa sobre Getúlio Vargas no livro didático

Para melhor ilustrar essa pesquisa, buscaremos verificar a maneira como um livro didático aborda Vargas no mesmo período histórico apresentado no folheto de cordel selecionado. Nesse período do governo Vargas, iremos destacar as visões do Estado Novo apresentadas nessa narrativa historiográfica.

No livro didático de Braick e Barreto (2018), cujo título é *Estudar História: das origens do homem à era digital*, as autoras abordam o tema no capítulo 7. Os objetivos desse capítulo são:

Identificar e compreender o processo que desencadeou a crise da República Oligárquica e a ascensão de Vargas ao poder; caracterizar o governo Vargas como o período de criação da legislação trabalhista e de uma nova relação entre o estado brasileiro e os trabalhadores; identificar as dinâmicas dos movimentos sociais e a força do trabalhismo no Brasil; analisar o caráter ambíguo do governo de Getúlio Vargas e opinar sobre a figura controversa desse governante; reconhecer as características das diferentes etapas da chamada era Vargas o governo provisório: (1930-1934), o governo constitucional: (1934-1937) e a ditadura do Estado Novo: (1937-1945); analisar os mecanismos criados durante o governo Vargas para promover a industrialização nacional; contextualizar a ditadura do Estado Novo e identificar suas formas de controle e propaganda. (BRAICK;BARRETO, 2018, p. 122)

Esta abordagem é feita de forma sucinta, apontando que este período histórico é um período de grande expressividade na história nacional, ficando caracterizado pela monopolização tanto da política como da economia nacional, onde quem concentrava todo o poder era uma única pessoa, o presidente Getúlio Vargas.

Nesse período da política brasileira, muitos políticos da oposição optaram pela saída do país devido às perseguições, e os que tentaram manter uma posição contrária ao governo de Vargas acabaram presos. A maioria da população optou pelo silêncio diante dos fatos, pois a censura estava cada vez mais rígida, e os opositores civis foram alvo de constantes perseguições, criando um clima de hostilidades para aqueles que, de alguma forma, não concordavam com o governo.

Como podemos perceber, grande parte da produção cordelística referente à esse tema só faz enaltecer a figura de Getúlio Vargas, enquanto o livro didático, com uma narrativa sustentada por fontes historiográficas, já traz o lado obscuro e conturbado que foi esse período. Braick e Barreto (2018) enfatizam que tanto a chegada ao poder, quanto a

permanência no poder, se deram por meio de dois golpes de Estado: o primeiro deles, em 1930 e o segundo em 1937 que instituiu a ditadura do Estado Novo. Após o golpe do Estado Novo, Vargas centralizou os poderes políticos em suas mãos, restringindo a autonomia de estados e municípios. Além disso Vargas instituiu o controle dos sindicatos, diminuindo os canais de ação e a mobilização dos sindicatos.

Percebemos aqui as diferenças entre uma narrativa literária, que não tem a necessidade de apresentar suas fontes, e a historiográfica. O objetivo do cordelista é realizar um relato baseado em informações verdadeiras acerca de dados biográficos e realizações que caracterizaram o período denominado Estado Novo, contudo, sua narrativa vem carregada de juízos de valor, de memória social. Os fatos, relatos, são o que são e não vão mudar. Já o historiador, obrigatoriamente, não pode selecionar/subtrair fatos na constituição de sua narrativa. Ela segue uma metódica racional-científica que compreende a provisioridade de suas afirmativas, que não permite o juízo de valor, embora também hierarquize eventos e faça escolhas. Ou seja, ela não é neutra, como não o é a narrativa histórica do cordel.

A construção imagética em torno de Vargas que encontramos nos folhetos de cordel reforça a ideia de um líder carismático e preocupado com as massas. Essa conclusão também é importante e se encontra entre os objetivos do livro didático selecionado. Contudo, o que parece natural e eterno, com uma única interpretação no cordel, é relativizado na narrativa historiográfica que contextualiza e interpreta explicando a construção dessa imagem de Vargas para os trabalhadores. Vide o que apresentamos sobre o papel de censura e propaganda do DIP. Esse é um aspecto que não pode ser esquecido.

Acredita-se que, devido à essa exaltação ao presidente, os folhetos sobre Vargas tomaram rumos excepcionais no mercado, alcançando grande número de vendas. Lessa (1973), em seu livro *Getúlio Vargas na literatura de cordel*, afirma que alguns poetas, em um curto espaço de tempo, venderam cerca de 40.000 folhetos sobre a morte de Getúlio. Tal fato demonstra o valor que essa literatura popular assumiu na época, quando, mesmo existindo o rádio como meio difusor de notícias, estes impressos não perderam espaço.

3.3 Cordel e conhecimento histórico escolar

A proposta aqui colocada não é igualar as narrativas produzidas pelos cordelistas e as produzidas pelos historiadores, mas demonstrar que é possível, através da narrativa de um gênero literário poético, produzir um conhecimento histórico válido.

Rüsen (2010) apresenta caminhos para a construção do pensamento histórico. São caminhos que partirão do presente, da consciência que todos têm, do interesse de ideias, da utilização do método científico para construção de uma narrativa que terá uma função: orientar o cotidiano, a vida prática. O conhecimento histórico passa a ter um sentido, um significado. O trabalho com a cultura popular, em especial a nordestina, por meio do Cordel, pode auxiliar a construção de identidades que não hierarquizem a produção cultural, reconhecendo suas raízes ou respeitando as raízes culturais do outro, da alteridade, questão fundamental no desenvolvimento de uma cidadania democrática.

Vejamos então algumas questões que estão dentro do conteúdo programático da disciplina escolar História e que podem ser problematizadas a partir do cordel selecionado para o Circuito Cultural. Verifica-se que o cordelista evoca a memória como fonte para sua narrativa e base para a constituição de uma identidade nacional:

A revolução de trinta
é-me difícil esquecer
no dia 3 de outubro
levou Getúlio ao poder.
nova constituição
veio o Brasil conhecer. (SILVA, 1987, p. 5)

O cordel é um lugar de memória individual e coletiva. São registros que relatam a experiência dos indivíduos e suas histórias no tempo. A perspectiva apresentada na literatura de cordel interpreta os eventos que fizeram a história numa perspectiva da memória coletiva, já que, como afirma Halbwachs (2013), boa parte das lembranças que temos são resultado de memória compartilhada socialmente. Ora, sabemos que a identidade nacional é uma construção social que produz laços de solidariedade e que retrata relações de força e poder de contextos históricos variados (Hobsbawm, 1990). Seria interessante explorar o sentido dessa identidade nacional. O que ela representa? Como as diferentes regiões do país e suas populações estão representadas nessa identidade coletiva? Existem outras formas de identidade que não a nacional? São problematizações que podem ser apontadas pelo Circuito proposto na interpretação do folheto selecionado, dependendo dos interesses e possibilidades do professor regente.

É importante enfatizar que o valor histórico da obra do cordelista Gonçalo Ferreira da Silva, aqui discutida, representa para História ciência o mesmo que uma ficção literária representa, ou seja, deve ser como um documento a ser problematizado, pois, o autor não tem por objetivo principal fazer uma análise objetiva dos fatos narrados, mas resumir o período

segundo, como dissemos, os sentidos construídos no tempo na memória coletiva. Esse tipo de narrativa concede inclusive, sentimentos e traços de caráter aos personagens, juízos de valor, opiniões sem ter respaldo empírico, necessariamente, ou até utilizando-se de documentos históricos para conferir confiabilidade ao juízo de valor que constrói linguística e esteticamente. Podemos observar isso na próxima estrofe:

E mostrando uma grande grandeza
Espiritual sem par
Respondeu às injustiças
Antes de suicidar
“A não ser meu próprio sangue
Nada mais vos posso dar”.

Aqui a figura de Getúlio Vargas é enaltecida. No decorrer dos versos desse folheto percebemos a mitificação desse líder nacional. Getúlio tinha uma grandeza espiritual, era visto como o “poderoso” da nação, o “símbolo do país”, a “esperança”. Ele estava nos debates populares, no cotidiano do povo brasileiro. Uma problematização oportuna possível na atividade é discutir com os alunos o contexto histórico brasileiro, principalmente a situação dos trabalhadores rurais e urbanos, que pode auxiliar na compreensão de como essa imagem se consolidou, principalmente o apelido de “pai dos pobres”.

A repercussão da interpretação dada pela narrativa cordelística analisada ao líder político Getúlio Vargas é transposta para o momento no qual o cordel foi escrito – anos oitenta – e no contexto de outro momento de exceção política nacional, a ditadura civil-militar (1964-1985). Já na última estrofe do folheto encontramos os versos:

Hoje o proletariado
humilhado e inseguro
sente obscuro o presente
e o porvir obscuro
e sem qualquer otimismo
em relação ao futuro. (SILVA, 1987, p. 8)

Podemos perceber que o cordelista faz uma reflexão sobre a época em que ele está vivendo. O folheto escrito 50 anos após o Estado Novo demonstra, no final de seus versos, uma preocupação com relação ao futuro. É a visão do trabalhador desamparado sem qualquer expectativa. Como comparar a conjuntura de formação da classe operária de origem nacional, a partir da migração de trabalhadores rurais para os centros urbanos, nos anos 1940, e a situação dos operários durante a ditadura civil-militar? Traçar permanências e mudanças na

situação social e econômica da classe trabalhadora brasileira nos dois momentos, trabalhar a presença ou ausência de políticas públicas para o trabalho: trabalhismo, Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) – no caso do governo Vargas; arrocho salarial, fim da estabilidade no emprego e a criação do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) – nos governos pós 1964, por exemplo.

Outras questões presentes no conteúdo da disciplina História podem ser exploradas na problematização, tais como, o papel da industrialização nacional nesses dois períodos de ditadura apresentados no cordel: Estado Novo e Ditadura civil-militar pós 1964; redemocratização, revolução de 1930, as constituições de 1937 e de 1967, dentre outros assuntos, censura e direitos civis e políticos.

No trabalho com as diferentes temporalidades que o cordel selecionado permite pode-se, inclusive, realizar uma discussão sobre as mudanças nas leis trabalhistas no Brasil dos dias de hoje, auxiliando-os a construir uma relação mais consubstanciada historicamente da relação de causalidade ou não entre passado, presente e futuros possíveis.

Para Mark Curran, esse tipo de literatura é realmente “memória, documento e registro” (CURRAN, 2009, p. 19). Essa afirmativa resgata outro aspecto pelo qual o cordel se mostra muito relevante para o ensino de uma forma geral e em especial o de história. Sua rima de alguma forma facilita tanto a leitura como o aprendizado. Nas últimas séries do ensino fundamental, o aprendizado e o debate sobre a nossa realidade social, política e econômica tem o objetivo de desenvolver o senso crítico do aluno, levando-o a perceber não só a sua posição no mundo como também a posição do outro, representada nos diversos contextos sociais e temporalidades. Nessa perspectiva, os PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), nos mostram que

o ensino de História possui objetivos específicos, sendo um dos mais relevantes o que se relaciona à constituição da noção de identidade. Assim, é primordial que o ensino de História estabeleça relações entre identidades individuais, sociais e coletivas, entre as quais as que se constituem como nacionais. Para a sociedade brasileira atual, a questão da identidade tem se tornado um tema de dimensões abrangentes, uma vez que se vive um extenso processo migratório que tem desarticulado formas tradicionais de relações sociais e culturais. Nesse processo migratório, a perda da identidade tem apresentado situações alarmantes, desestruturando relações historicamente estabelecidas, desagregando valores cujo alcance ainda não se pode avaliar. Dentro dessa perspectiva, o ensino de História tende a desempenhar um papel mais relevante na formação da cidadania, envolvendo a reflexão sobre a atuação do indivíduo em suas relações pessoais com o grupo de convívio, suas afetividades e sua participação no coletivo. (PCNs, 1997, p.26).

Nessa perspectiva, acredita-se que as atividades do *Circuito cultural nossa história em cordel* possa contribuir para se alcançar os objetivos apresentados acima. Propor a utilização do cordel no ensino de história é escolher a princípio pelo caminho do encantamento, próprio da poesia e da música e depois a valorização da teoria, da técnica e do conteúdo histórico enfatizado.

3.4 O Circuito cultural como oficina didática

Em sua função de mediador do circuito cultural proposto, depois da leitura compartilhada do folheto e de uma rápida contextualização do que foi a Era Vargas no Brasil, o bibliotecário poderá trabalhar junto com o regente da turma a interpretação da narrativa cordelística selecionada. Um planejamento entre esses dois profissionais poderá preparar os recortes de conteúdo e habilidades que serão privilegiados na atividade, tendo em vista os objetivos específicos do desenvolvimento das ideias históricas dos alunos, sua autonomia como sujeito, ou seja, uma aprendizagem significativa: experiência, interpretação e orientação (RÜSEN, 2010).

A organização dos alunos poderá ser em grupos o que facilita o caráter dialógico que se deseja para a atividade, assim como o confronto de ideias, opiniões, informações trazidas de outros espaços de socialização e a construção do conhecimento mediado pelo pensamento histórico. Bibliotecário e professor/a regente deverão auxiliar os alunos na busca da identificação de conceitos importantes para o conteúdo selecionado. Correlações entre os versos (narrativa ficcional/poética) e a narrativa formal escolar vão sendo demonstradas durante o processo. Como forma de avaliar a atividade, individualmente, ou em grupos, devem construir suas próprias narrativas, seja em prosa, poesia, desenhos, recorte/colagem ou qualquer outra expressão, sobre os conceitos, conteúdos trabalhados.

Para além do conteúdo histórico escolar, o Circuito Cultural da Cordelteca se propõe também o desenvolvimento da leitura e da escrita. Dessa forma, pode-se sugerir atividades que explorem semelhanças e diferenças entre as narrativas do cordel e de alguma outra fonte didática, como um artigo ou o texto do livro didático por exemplo, e construir com os alunos os usos diferenciados dessas narrativas sem estabelecer hierarquias naturalizadas sobre esses diferentes usos.

Como visto, pretendemos ter demonstrado que trabalhar com esse tema no Circuito Cultural é possibilitar aos alunos uma reflexão acerca da influência das questões políticas e sociais contidas na literatura de cordel. A partir desse debate, mostrar aos discentes a

potencialidade narrativa que a linguagem cordelística tem e, dessa forma, discutir a possibilidade de criar diálogos entre essa linguagem e o ensino da história escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram muitas surpresas e improvisações ao trabalhar com o acervo de cordéis, caracterizadas com a necessidade de criar o próprio método de lidar com a realidade. Digo isso quando me lembro apresentando os folhetos de cordel para alunos de escolas públicas no espaço da cordelteca.

Em cada capítulo, procurei trabalhar alguma coisa. No primeiro, busquei abordar um breve histórico da Literatura de cordel, seu conceito e suas relações com a cultura popular, com a cultura histórica e o ensino de História.

No segundo capítulo procurei apresentar a Cordelteca onde trabalho, objeto de pesquisa desse estudo, falei sobre sua origem, o desenvolvimento da coleção e a realização das atividades que ocorrem em seu espaço.

No terceiro capítulo trouxe um pouco da minha experiência ao lidar com os usuários que visitam a cordelteca e com os alunos das escolas onde estive e colaborei na realização de oficinas. Busquei, na sequência, apresentar uma orientação para utilização dos folhetos de cordel no ensino de história. Orientação essa pautada em minha própria experiência e trajetória de pesquisa ao longo desses dois anos. Apresento sucintamente um circuito cultural utilizando os folhetos da coleção da cordelteca como apoio no ensino de história.

Com essa pesquisa, podemos concluir que as atividades que envolvem as manifestações da cultura popular no ambiente escolar, no ambiente acadêmico e nas bibliotecas universitárias enriquecem o processo de ensino aprendizagem. O acervo da Cordelteca possui uma quantidade considerável de folhetos que possuem temáticas variadas que podem ser trabalhados com alunos da rede pública e privada do município e nos eventos abertos à comunidade em geral.

Ter o cordel nas bibliotecas das escolas pode representar um passo extremamente valioso para o devido reconhecimento e resgate desse tipo de literatura e dar à nova geração a oportunidade de apreciar a riqueza e expressividade da nossa cultura. Significa ter contato com o passado, com a memória do saber tradicional, do conto poético numa linguagem ao mesmo tempo simples e encantadora, de fácil compreensão e de uma engenhosidade singular observada na construção dos versos. Demonstrar preocupação na manutenção do saber é

assumir e incorporar a sua rotina o contato com as manifestações que o povo cultiva, que apresentam significado e um visível potencial pedagógico. A literatura de cordel é uma dessas manifestações que podem ser utilizadas no ambiente escolar.

A sala de aula não pode mais ser vista como espaço de transferência de conhecimento, mas de aprendizado. Aprendizado sobre o conteúdo escolar, sobre a localidade onde moramos, sobre nosso país e a forma como ele é governado, sobre todo o contexto de mundo no qual estamos inseridos. E esse aprendizado deve ser mútuo, pensado na realidade do professor e do aluno, em constante interação. Diferentes realidades que devem dialogar cotidianamente.

Dessa forma, trabalhar com o cordel no ambiente da Biblioteca me fez reavaliar minha prática enquanto bibliotecária em uma instituição que forma professores, me ajudou a focar nas ações culturais que possam dar apoio a esse professor que está indo ou já atua na área.

O aprendizado deve partir da compreensão que as novas informações trabalhadas através do cordel, devem agrupar-se ao conjunto de informações já existentes no aluno, e que havendo a relação desses conhecimentos, haverá o aprendizado fruto do que foi apresentado junto das experiências já vividas pelo indivíduo.

Inserir os alunos em um outro ambiente cultural poderá proporcionar à eles uma forma de leitura e reflexão que os desafie e os leve a alcançar um nível mais complexo racional e historicamente de construção de sentidos. A partir disso, torna-se mais fácil para o aluno perceber-se como um ser pensante e crítico, capaz de compreender não só a si mesmo como também ao outro e, conseqüentemente, tornar-se apto a intervir na realidade, a fim de mudá-la para melhor. Nessa perspectiva, a narrativa pode ser considerada como a manifestação do espírito humano em suas mais variadas formas. Para o teórico da História Rüsen (2001), ela está permeada de “símbolos” e “fragmentos de memória”. E isso, para ele, não compromete nem a objetividade nem a validade da história como ciência. A condição estrita para que se identifique um sentido histórico na narrativa é, necessariamente: “formalmente, a estrutura de uma história; materialmente, a experiência do passado; funcionalmente, a orientação da vida humana prática.” (RUSEN, 2001, p. 161). Dessa forma, entendemos que incentivar o desenvolvimento de uma consciência crítica voltada para a importância das raízes culturais e para a avaliação da realidade nacional se torna necessário nos dias atuais e contribui significativamente para um bom exercício da cidadania.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado de Letras, 1999.
- ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 222.
- ARAÚJO, Rafaela Sales de; OLIVEIRA, Rebecca Maria de Freitas Sousa. Ações de extensão empreendidas por bibliotecas universitárias: estudo dos anais do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (2013-2017). *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, v. 14, n. esp. 45 anos, 2018. p. 154-170. Disponível em :<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1088>. Acesso em 14 de junho de 2020.
- BAPTISTA, Michele Marques; GONÇALVES, Márcia Servi. Ações e atividades culturais em bibliotecas universitárias: a busca por espaços mais atrativos aos usuários na biblioteca central da Universidade de Caxias do Sul. *Revista ACB*, [S.l.], v. 23, n. 3, p. 542-554, dez. 2018. ISSN 1414-0594. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1513>>. Acesso em: 02 abr. 2020.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Ed. Zahar. Rio de Janeiro. 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf Acesso em 03 de fevereiro de 2020.
- _____. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Terceiro e Quarto Ciclos do ensino fundamental - História*. Brasília: MEC/SEF, 1998. 108p.
- CABRAL, Geovanni Gomes. As representações de poder no corpus de folhetos de 1945 a 1954: leituras da “Era Vargas”. 2008. 171f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7649/1/arquivo694_1.pdf Acesso em 04 de abril de 2021.
- CARDOSO, Oldimar. Por uma definição de Didática da História. In: *Revista Brasileira de História* [online]. São Paulo, v. 28, nº 55, p. 153-170 – 2008.
- CERRI, Luis Fernando. Didática da História: uma leitura teórica sobre a História na prática. *Revista de História Regional*, v. 15, n. 2, p. 264-278, 2010.

_____. *Ensino da história: fronteiras interdisciplinares, avanços e problemas. Cad. História*, v. 12/13, n. 1, p. 7-21, 2005.

_____. *Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV, 2011. 138p.

CHARTIER, Roger. “CULTURA POPULAR”: revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, 1995: 179-192.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2 ed. Lisboa: Difel, 1988.

DARNTON, R. *O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988 apud SANTOS, Ary Leonan Lima. Utilização do cordel como ferramenta para o ensino de História: conceitos: repertórios e experiências. 2018. 101p. Dissertação (Mestrado profissional em Ensino de História).

DAVIES, N. As camadas populares nos livros de história do Brasil. In: PINSKY, Jaime. *O ensino de história e a criação do fato*. 14 ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 121-138.

EVARISTO, M. C. O cordel em sala de aula. In: BRANDÃO, Helena Nagamine. *Gêneros do discurso na escola*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 119-184.

FLORES, Elio Chaves. Dos efeitos e dos ditos: história e cultura histórica. *SAECULUM – Revista de História*, 16., João Pessoa, jan./jun., 2007, p. 83-102. Disponível em: <https://doczz.com.br/doc/130651/dos-feitos-e-dos-ditos--hist%C3%B3ria-e-cultura-hist%C3%B3rica> . Acesso em 03 de março de 2020.

FONSECA, Selva Guimarães; GATTI JÚNIOR, Décio. Orgs. *Perspectivas do ensino de história: ensino, cidadania e consciência histórica*. Uberlândia: Edufu, 2011. 419p., il.

GALVÃO, A.M.O. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GRILLO, Maria Angela Faria. A literatura de cordel na sala de aula. In: Abreu, Martha; Soihe, Rachel. *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologias*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

GULLAR, F. *Cultura posta em Questão*. Vanguarda e subdesenvolvimento: ensaios sobre arte. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 21-39.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: (sua história)*. São Paulo: T. A. Queiroz: EDUSP, 1985. 693p.

HAURÉLIO, Marco. *Breve história da Literatura de cordel*. 2.ed. São Paulo: Claridade, 2016. 118p.

HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

KRETLI, Sandra. Artefatos culturais usados por professores/as e alunos/as no cotidiano escolar como possibilidades de ressignificar o currículo. In: Reunião anual da ANPED. 30., 2007, Minas Gerais. *Anais*. Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT12-3217--Int.pdf>. Acesso em 14 de julho de 2019.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, UNICAMP, 2003.

LESSA, Orígenes. *Getúlio Vargas na literatura de cordel*. Rio de Janeiro: Documentário, 151p.

LIMA, Arievaldo Viana. *Acorda cordel na sala de aula: a literatura popular como ferramenta auxiliar na Educação*. Fortaleza: Tupynanquim, 2006. 111p

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. *Conhecimento escolar: ciência e cotidiano*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. 236p.

LUZ, Alex Faverzani da; SANTIN, Janaína Rigo. As relações de trabalho e sua regulamentação no Brasil a partir da revolução de 1930. *História*, Franca, v. 29, n. 2, p. 268-278, Dec. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742010000200015&lng=en&nrm=iso. Acesso em 03 de novembro de 2020.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. *O Cordel no Cotidiano Escolar*. São Paulo: Cortez, 2012.

MARQUES, Ana Cláudia D. R. Considerações Sobre a Honra Cangaceira. In: PEDRO, J. M.; GROSSI, M. P. *Masculino, Feminino, Plural*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998, 177p.

MATOS, Edilene. *Cuíca de Santo Amaro: o boquirroto de megafone e cartola*. Rio de Janeiro: Manati, 2004. 136p.

MENEZES, Eduardo Diatay Bezerra de. Para uma leitura sociológica da Literatura de cordel. *Rev. C. Sociais*, Fortaleza, v. VIII, n. 1-2, 1977, p. 7-87.

MILANESI, Luís. *Biblioteca*. Cotia. Ateliê, 2002.

MONTEIRO, Ana Maria. *Ensino de história: entre memória e história*. In: Gilvan Ventura da Silva; Regina Helena Silva e Simões; Sebastião Pimentel Franco. (Org.). *História e Educação: territórios em convergência*. Vitória(ES): GM/ PPGHIS/UFES, 2007. Disponível em: <http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/pesquisa-pratica-educacional/artigos/artigo1.pdf>. Acesso em 05 de abril de 2019.

_____; PENNA, Fernando de Araújo. *Ensino de História: saberes em lugar de fronteira*. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/15080/11518>. Acesso em 15 de maio de 2019.

NEMER, Sylvia Regina Bastos. *A Função Intertextual do Cordel no Cinema de Glauber Rocha*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005, p. 11-12.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História*, São Paulo, n. 10, p.7-28, dez, 1993.

OLIVEIRA, Ivamberto Albuquerque de. *A linha do tempo dos negros no Brasil*. Rio de Janeiro: ABLC, 2009. 16p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. *História da Educação*. jul./dez. v.7, n.14, 2003, p.31-45. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30220/pdf>. Acesso em 02 fev. 2020.

PINTO, Maria Isaura Rodrigues. O cordel do Brasil e o cordel de Portugal: possíveis diálogos. *Soletas*. Ano 9, n.18, p. 117-132, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/soletas/article/viewFile/7034/4973>. Acesso em: 21 de março de 2020.

PINTO, Maria Isaura Rodrigues. *Gonçalo Ferreira da Silva: biografia*. Fundação casa de Rui Barbosa. 2018. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/GoncaloFerreira/goncaloFerreira_biografia.html

Acesso em: 17 jun. 2020.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica – Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: UNB, 2001.

RÜSEN, Jörn. *História viva: teoria da História III: formar funções do conhecimento histórico*. Tradução: Estevão Rezende Martins. Brasília. Editora UNB. 2010.

SANCHES, Gisele A. Ribeiro; RIO, Sinomar Ferreira do. Mediação da informação no fazer do bibliotecário e seu processo em bibliotecas universitárias no âmbito das ações culturais. *R. Ci. Inf. e Doc.*, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 103-121, jul./dez. 2010. Disponível em: . Acesso em: 19 out. de 2019.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória coletiva e teoria social*. São Paulo: Annablume, 2003. 208p.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado. Cultura da memória e Guinada subjetiva*. Belo Horizonte. UFMG. 2007.

SILVA, Gonçalo Ferreira da Silva. *Getúlio Vargas: eterno no coração do povo brasileiro*. 2.ed. Rio de Janeiro: ABLC, 1987. 8p.

_____. *Lampião: o capitão do cangaço*. Rio de Janeiro: RALP, 1983. 32p.

SILVA, Fernanda Isis C. da; SOUZA, Edivanio Duarte de. Informação e formação da identidade cultural: o acesso à informação na literatura de cordel. *Inf. & Soc.:Est.*, João Pessoa, v. 16, n. 1, p. 215-222, jan./jun. 2006. Disponível em: . Acesso em: 5 out. 2010.

SOUZA, Ricardo Luiz de. Festa e cultura popular: a ruptura e a norma. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, ano 9, volume 16(2): 99-132 (2005). Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/23634/19289> . Acesso em 06 de nov. de 2020.

VIANNA, Letícia C. R. Patrimônio Imaterial. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4.

WANDERLEY, Sonia. Cultura Histórica, Mídia e Ensino de História: problemas políticos de ensinar e aprender. In: XV Encontro Regional de História Ofício do Historiador: Ensino & Pesquisa, 2012, São Gonçalo. XV Encontro Regional de História Ofício do Historiador: Ensino & Pesquisa. Rio de Janeiro: ANPUH - RJ, 2012. v. 1. p. 20-28. Disponível em: http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338471937_ARQUIVO_Culturahistorica.midiaeensinodehistoria-artigoAnPuhregional2012.pdf . Acesso em 19 de fev. de 2019.

WHITE, H. *Metahistória: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Edusp, 1992.

ANEXO A: Programação do evento Folheto aberto: o cordel em cena

FOLHETO ABERTO: O CORDEL EM CENA
PROJETO LEITURAS NA CORDELTECA DA FFP
COORDENAÇÃO: PROF.^a DR.^a MARIA ISAURA RODRIGUES PINTO
PARCERIA: REDE SIRIUS - REDE DE BIBLIOTECAS DA UERJ

Local: Salão de Eventos na FFP

25-10-2018

14h: Abertura

❖ Prof.^a Dr.^a Maria Isaura Rodrigues Pinto

Cordel na sala de aula

❖ Prof.^a Dr.^a Simone Bacellar (UERJ/FFP)

14h30min: São Gonçalo em Cordel

❖ Erick Bernardes (Cronista / Diário da Poesia)

❖ Zé Salvador (Cordelista/ Diário da Poesia)

15h: Visita à Cordelteca

15h30min: Apresentação dos bolsistas do PIBIB (FFP/UERJ)

Um outro olhar sobre o cordel

❖ Anne Kathlen Rebello Siqueira da Silva (UERJ/FFP)



16h: Encontro com Poetas Populares - participação especial do poeta **Gonçalo Ferreira da Silva**, presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC).

Cordel de Saia: A produção feminina na literatura de Cordel

❖ Dalinha Catunda e Rosário Pinto

17h: Café do Gonçalves.

17h30min: Cordel ao alcance de uma escola que lida com a diversidade

❖ Homero dos Santos, Reinaldo José de Carvalho Júnior e Adriano Vieira da Silva (UERJ/ PROFLETRAS)

18h: Oficina com Isogravuras: ilustrando cordéis

Isogravura: expressividade, criatividade e autoralidade

Larissa Moredison Nicolau e Rejane Monteiro (UERJ / Rede Sirius)

18h30min: Mesa redonda

Leitura na Cordelteca da FFP

❖ Prof.^a Dr.^a Maria Isaura Rodrigues Pinto (UERJ/ FFP)

Literatura de Cordel e Ensino de História

❖ Rejane Monteiro (UERJ/Rede Sirius/PPGHS)

Literatura de Cordel: outras vozes, outras culturas na escola

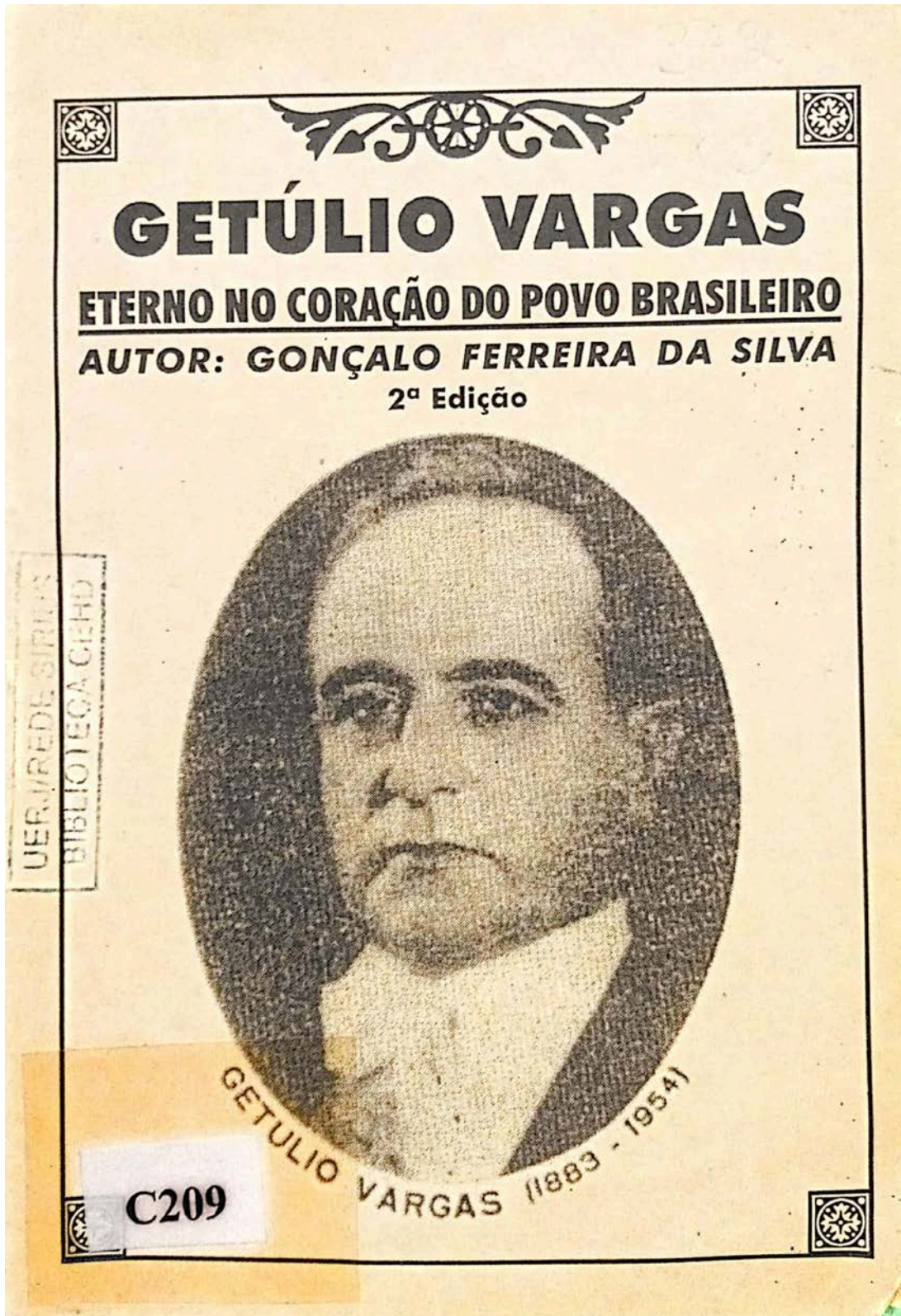
❖ Luciana Carina de Oliveira (UERJ/ PROFLETRAS)

Vozes ancestrais na poética de Conceição Evaristo

❖ Prof.^a Dr.^a Maria Betânia Almeida Pereira (UERJ/FFP)

**Inscrições gratuitas no dia do evento.
Os participantes receberão certificado (6h).
Não percam!**

Anexo B - Folheto de cordel: Getúlio Vargas: eterno no coração do povo brasileiro



GETÚLIO VARGAS

ETERNO NO CORAÇÃO DO POVO BRASILEIRO

AUTOR: *Gonçalo Ferreira da Silva*

Feliz daquele que pode
tranqüilamente dizer:
– Quando chegar minha hora
terei prazer em morrer
pois cumpri honradamente
o meu humano dever.

Sessenta e quatro nos trouxe
além da revolução
muitas palavras do tipo:
redemocratização,
inelegibilidade,
desburocratização...

Mas quem é o presidente
da nossa grande Nação?
um desprovido de luz,
um baldo de inspiração,
um oco de sentimentos,
um garrinchístico João.

Mas enquanto Figueiredo
nu de nobreza e de amor
continua o seu trabalho
“redemocratizador”
vamos falar de um vulto
de comprovado valor.

– 2 –

Sentindo o quanto é efêmera
esta vida transitória
Getúlio escreveu a frase
que o povo tem na memória:
“Amigos, saio da vida
para entrar na história”.

E mostrando uma grandeza
espiritual sem par
respondeu às injustiças
antes de suicidar
“A não ser meu próprio sangue
nada mais vos posso dar”.

A dezenove de abril
de oitenta e três (1883) se deu
um fato extraordinário
que registro mereceu
porque o grande estadista
Getúlio Vargas nasceu.

Seu pai era o General
Manuel do Nascimento
a mãe Cândida Dorneles
e o acontecimento
deu-se na velha São Borja
tudo correndo a contento.

– 3 –

Não é preciso lembrar
que o fato aí registrado
aconteceu certamente
no outro século passado
o leitor sabe, por mais
que seja desavisado.

Este poema pretende
despretensiosamente
no ano do centenário
do nascimento, somente
prestar justa homenagem
ao famoso presidente.

Quando a questão brasileira
com a Bolívia surgia
envolvendo o Acre, o nosso
Getúlio já pertencia
ao grande vigésimo quinto
Batalhão de Infantaria.

Quando desligou-se do
Exército, com pouca idade
querendo estudar direito,
com certa facilidade,
matriculou-se em Porto
Alegre, na faculdade.

— 4 —

Em novecentos e sete
se diplomou afinal
foi promotor, instalou-se
distante da capital
exercendo a profissão
na sua terra natal.

O seu caminho político
só se fez iniciado
em novecentos e nove
sendo eleito deputado.
Não quis o cargo de chefe
de polícia do Estado.

Em dezessete Getúlio
novamente foi eleito
para Assembléia do Estado
em razão do novo pleito
seu nome já desfrutava
de grande e justo respeito.

Em vinte e três, combatendo
alguns grupos desordeiros
já conhecido nos meios
políticos brasileiros
comandou as forças do
senhor Borges de Medeiros.

– 5 –

Nesse ano foi eleito
deputado federal
em vinte e seis recebeu
da mão presidencial
de Washington Luís
cargo muito especial.

De ministro da fazenda
cargo que veio e deixar
Aliança Liberal
o fez se candidatar
ao cargo de presidente
que viria a ocupar.

A revolução de trinta
é-me difícil esquecer
no dia 3 de novembro
levou Getúlio ao poder.
Nova constituição
veio o Brasil conhecer.

Promulgada em trinta e quatro
nova constituição
foi eleito presidente
da nossa grande Nação
um país carente de
humana legislação.

– 6 –

A dez de novembro de trinta e sete promulgou nova constituição como governo ficou e até quarenta e cinco ele o país governou.

Nas eleições de dezembro do mesmo ano citado foi eleito senador por São Paulo e seu Estado por estes e por mais cinco foi eleito deputado.

Nas eleições de cinquenta o nosso grande estadista como grande candidato do Partido Trabalhista foi eleito presidente numa visão realista.

E quase quatro milhões de votos do eleitorado ele conquistou mostrando ser por todos estimado a 31 de janeiro do outro ano empossado.

– 7 –

Poderia se afirmar
com pouca margem de engano:
Getúlio além de ter sido
honrado, justo e humano
fundou o próprio Brasil
como país soberano.

E escreveu frases na
sua carta testamento
que despertam ainda hoje
nosso humano sentimento
perenemente gravadas
no mais nobre pensamento.

Com grande serenidade
Getúlio escreveu também
com soberba inspiração:
“Mas esse povo de quem
fui escravo não será
mais escravo de ninguém”.

Cada gota do meu sangue
é uma chama imortal
que sempre os animará
na vida material
enquanto eu espero todos
na vida espiritual.

– 8 –

A vinte e quatro de agosto
no aposento encerrado
Getúlio Vargas deixou
da sua morte o legado
enquanto o Brasil inteiro
chorava emocionado.

Assim em cinqüenta e quatro
a vinte e quatro de agosto
chorava o povo sua morte
com infinito desgosto
ele se vendo humilhado
não aceitou ser deposto.

Hoje o proletariado
humilhado e inseguro
sente obscuro o presente
e o porvir obscuro
e sem qualquer otimismo
em relação ao futuro.

FIM
4/87



ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL

Rua Leopoldo Fróes, 37 - Santa Teresa - RJ - Brasil
CEP 20241-330 - Sede Própria - Tel.: (21) 3683-2978
Home Page: <http://abldecordel.homestead.com/cordel.html>
E-mail: ablcordel@email.com.br